

arquitetura,
uma história,
duas autoras
italianas em São Paulo
nos anos 1950

Ilaria Mollica
São Paulo, 2020



Trabalho final de graduação de duplo diploma

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU USP)
Politecnico di Milano

arquitetura, uma história, duas
autoras italianas em São Paulo nos
anos 1950

Aluna / Ilaria Mollica
Orientador / José Tavares Correia de Lira

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Mollica, Ilaria

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950 / Ilaria Mollica; orientador José Tavares Correia de Lira. - São Paulo, 2020.

160 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Arquitetura Italiana. 2. Itália-brasil. 3. Arquitetos Imigrantes. I. Lira, José Tavares Correia de, orient. II. Título.

Agradeço ao professor José Lira, orientador dedicado, que entendeu desde o início do trabalho a minha personalidade, as minhas vontades, acreditou nas minhas capacidades e que me deu sempre o estímulo certo a continuar, apesar das condições adversas.

Agradeço aos meus pais e minha família que acreditam em mim, acreditaram mais uma vez no meu futuro e que me suportaram no desenvolvimento do trabalho sem entender muitas vezes o conteúdo.

Agradeço a todos os amigos que estiveram ao meu lado apesar dos quilômetros de distância.

Agradeço a minha comunidade de italianos em São Paulo.

Agradeço a família Calabi pela completa disponibilidade a compartilhar histórias e lembranças de vida passada e presente.

Agradeço todas as pessoas que encontrei nestes dois anos, a ajuda, a paciência, os conhecimentos que me permitiram viver esta experiência ao completo.

Agradeço ao Brasil, um país, milhares de lugares, milhões de pessoas, infinitas emoções.

Uma casa a muitos quilômetros de casa.

Ringrazio il professor José Lira, relatore dedicato, che ha capito sin dall'inizio del lavoro la mia personalità, la mia volontà, ha creduto nelle mie capacità e mi ha sempre dato il giusto stimolo a continuare, nonostante le condizioni avverse.

Ringrazio i miei genitori e la mia famiglia che credono in me, hanno creduto ancora una volta nel mio futuro e mi hanno sempre supportato nello sviluppo del lavoro senza molte volte capirne il contenuto.

Ringrazio tutti gli amici che sono rimasti al mio fianco nonostante i molti chilometri di distanza.

Ringrazio la mia comunità di italiani a San Paolo.

Ringrazio la famiglia Calabi per la completa disponibilità a condividere storie e ricordi di vita passata e presente.

Ringrazio tutte le persone che ho incontrato in questi due anni, l'aiuto, la pazienza, le conoscenze che mi hanno permesso di vivere questa esperienza al completo.

Ringrazio il Brasile, un paese, migliaia di luoghi, milioni di persone, infinite emozioni.

Una casa a molti chilometri da casa.

RESUMO

A partir do livro *Arquitetura Italiana em São Paulo* escrito por Anita Salmoni e Emma Debenedetti, este trabalho investiga os diálogos entre Itália e Brasil, através de estudos sócio-arquitetônicos e a exploração da história cultural urbana dos períodos focalizados pelo livro.

O livro acompanha a evolução da produção do espaço urbano e do ambiente cultural marcado pela presença italiana na cidade, desde o marco inicial da imigração de massa, em grande parte italiana, no século XIX, até os fluxos que se iniciam no entre-guerras e sobretudo no contexto da Segunda Guerra Mundial, marcados pelo deslocamento, numericamente menos substantivo, de migrantes profissionalizados e intelectualizados, por vezes até ilustres, entre os quais um contingente significativo de arquitetos italianos, que se projetam individualmente no meio local e no mercado de talentos e habilidades que se amplia na cidade.

Através de múltiplas leituras da obra, foram escolhidas três macro áreas de estudo que se cruzam e contaminam uma com a outra:

a análise do livro em si, o conhecimento das experiências de vida das duas autoras, e por último o contexto, urbano e social, da colônia italiana.

Palavras chaves: arquitetura italiana, Itália-Brasil, arquitetos imigrantes.

ABSTRACT

Starting from the book *Arquitetura Italiana em São Paulo* written by Anita Salmoni and Emma Debenedetti, this thesis investigates the dialogues between Italy and Brazil, through socio-architectural studies and the exploration of the urban cultural history of the periods focused by the book.

The book follows the evolution of the production of urban space and the cultural environment marked by the Italian presence in the city, from the initial milestone of mass immigration, largely Italian, in the nineteenth century, to the flows that begin in the between wars and especially in the context of the Second World War, marked by the displacement, numerically less substantive, of professionalized and intellectualized migrants, sometimes even illustrious, including a significant contingent of Italian architects, that project themselves individually in the local environment and in the market of talents and skills that expands in the city.

Through multiple readings of the work, three macro areas of study

were chosen that intersect and contaminate one another: the analysis of the book itself, the knowledge of the life experiences of the two authors, and finally the urban and social context of the Italian colony.

Keywords: Italian architecture, Italy-Brazil, immigrant architects.

SUMARIO

p. 23	INTRODUÇÃO
p. 32	1. ARQUITETURA ITALIANA EM SÃO PAULO 1.1 Estrutura do livro 1.2 As edições e os editores 1.3 O cenário editorial de arquitetura em São Paulo
p. 63	2. ANITA SALMONI E EMMA DEBENEDETTI: DUAS AUTORAS EM UM MEIO HISTORIOGRÁFICO EM FORMAÇÃO 2.1. Anita Salmoni, uma linguista no círculo de imigrantes Italianos de São Paulo 2.2. Emma Debenedetti, uma historiadora da arte na colônia local de arquitetos
p. 75	3. ARQUITETOS ITALIANOS EM SÃO PAULO 3.1. Diferentes fluxos e perfis profissionais

dos imigrantes italianos

3.2. Estrangeiros no meio local

3.3. Ambiente social, patriarcal, a presença das mulheres

p. 105	CONSIDERAÇÕES FINAIS
p. 109	BIBLIOGRAFIA
p. 117	SITOGRAFIA
p. 121	LISTA DE IMAGENS
p. 125	ANEXOS
	1. Entrevista com Andrea Calabi e a filha Adriana
	2. Entrevista com Júlio R. Katinsky
	3. Entrevista com Paulo V. Bruna
	4. Entrevista com Annarosa Debenedetti

INTRODUÇÃO

Como conclusão do percurso de duplo diploma foi essencial a escolha de uma temática que abordasse as interlocuções e trocas culturais entre Itália e Brasil, um relacionamento de origens remotas estabelecido há muitas décadas, para ressaltar como os dois países tiveram influência na formação acadêmica em conclusão.

O presente trabalho resultou de uma pesquisa e estudo desenvolvido a partir do livro “Arquitetura Italiana em São Paulo”, escrito por Anita Salmoni e Emma Debenedetti em 1952.

O livro trata de uma pesquisa desenvolvida no início dos anos cinquenta pelas duas autoras, sobre a presença de marcos de cultura italiana na formação arquitetônica da cidade de São Paulo. O livro pode-se considerar uma obra pioneira na esfera da historiografia crítica e arquitetônica da época, enquanto primeiro trabalho a abordar de forma sistemática a análise da história da arquitetura de São Paulo e a participação italiana no labor arquitetônico da cidade.

A obra acompanha a evolução da produção do espaço urbano e do

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

ambiente cultural que vai criando-se desde o marco inicial da imigração de massa, em grande parte italiana, no século XIX, no contexto de uma cidade eminente, dinâmica que acelerou naqueles anos o próprio desenvolvimento. Isso, chegando até o momento em que começa o processo de deslocamento de profissionais entre Europa e América, promovendo no campo arquitetônico a crescente circulação de ideias e linguagens arquitetônicas, possibilitando a projeção individual destes últimos no meio local.

Arquitetura Italiana em São Paulo identifica-se, até hoje em dia, como uma obra relevante para os estudos sócio arquitetônicos, para ter uma imagem da evolução histórica e cultural da cidade no período da sua maior glória e para a análise dos aspectos da transferência e adaptação cultural do imigrante italiano.

Para um entendimento e uma visão completa do livro, foram necessárias múltiplas leituras feitas em momentos e com olhares diferentes. Surgiram assim numerosas questões a serem estudadas e pesquisadas e, através de discussões, suscitaram inúmeras questões que poderiam ser abordadas, variando entre aspectos puramente arquitetônicos, metodológicos, sobre a historiografia crítica, temas sociológicos e antropológicos até questões de gênero. Foi essencial destacar estes assuntos no livro, com o objetivo de levantar algumas perguntas para o desenvolvimento do trabalho.

Primeira de muitas a individuação de alguns pontos do livro a serem

analisados. Fundamental foi o entendimento da trajetória do livro, o contexto em que ele foi escrito, não somente para o livro em si, mas também para compreender o papel que ele teve na historiografia da arquitetura. Em seguida, estudar as biografias das duas autoras, as motivações da redação do livro e a compreensão do papel do imigrante italiano na comunidade na época. Sendo que as autoras mesmas pertenciam à esta comunidade, necessita ser entendido quais fossem as profissões dos italianos envolvidos, em quais ocasiões se encontravam, como mudou a onda migratória ao longo do tempo e qual foi o papel da mulher nessa época e nessa condição de migrante. Consequentemente a leitura do livro foi necessário buscar material para entender o contexto em que este último se insere. Através da consulta de várias bibliotecas foram procurados livros de arquitetura que tratam temáticas parecidas, sobre a presença de arquitetos estrangeiros e mais especificamente escritos por mulheres. Além disso o material acessível no Brasil na época, consultado por elas, as possíveis fontes da pesquisa entendendo qual fosse o pensamento arquitetônico no ambiente que elas viviam cotidianamente.

A respeito da temática arquitetônica foi necessário analisar porquê elas utilizam o termo “arquitetura italiana” e não outras definições como arquitetura feita para italianos ou arquitetura de italiano, o que elas pensam da arquitetura italiana e quais arquitetos elas selecionam.

Foram essenciais para a pesquisa o acesso a fontes primárias em bibliotecas e arquivos locais e com leitura de material em língua

portuguesa e italiana. Por conta da contemporaneidade e proximidade do período em que o livro foi escrito, foi possível incluir na pesquisa testemunhos de professores, amigos dos círculos frequentados por eles e familiares próximos das duas autoras.

As fontes primárias foram fundamentais para implementar o trabalho com material e documentação. As principais bibliotecas consultadas foram a biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), por sua importância na história e no inteiro território nacional, a do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro e do *Instituto di Cultura Italiana* em São Paulo.

Depois desta fase de análise primária, foram escolhidas três macro áreas de estudo que vão se cruzar e contaminar uma com a outra: a análise do livro em si com as questões levantadas e a análise da técnica narrativa utilizada, o conhecimento das duas autoras e por último o contexto, urbano, da colônia italiana e relação Itália-Brasil.

Partindo do livro e expandindo-se ao contexto geral, essas três macroáreas tem direta correspondência com os três capítulos em que está organizado o trabalho que se conclui com os anexos das entrevistas realizadas.

O primeiro capítulo, “Arquitetura Italiana em São Paulo”, abre-se com a apresentação do livro, escrito pelas duas autoras como resultado de uma pesquisa a contribuição da realização de uma coleção de

monografias sobre a história das relações entre Itália e Brasil. O trabalho é articulado em cinco capítulos, incluindo uma introdução e um apêndice por cada um dos capítulos, rica de documentação e bibliografia. Desde o último quarto do século XIX, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, as duas autoras apresentam as várias tendências e gostos arquitetônicos que se estabelecem em São Paulo por influência dos imigrantes italianos. Entre capítulos mais gerais e outros quase monográficos, as duas autoras sempre mencionam as fontes atingidas, internacionais e não, e a metodologia utilizada.

Em seguida tem uma apresentação de todas as três edições publicadas encontradas nas bibliotecas. O trabalho foi desenvolvido a partir da última edição comercializada de 1981, comparada com as outras duas de 1953 e 1961, para individuar mudanças e implementações na publicação, na bibliografia e na iconografia. Nesta comparação foram essenciais as contribuições dos dois professores entrevistados, que tiveram uma direta relação com as duas publicações.

O capítulo conclui-se com uma análise do cenário editorial em São Paulo reconstruído através de uma observação primeiro da bibliografia e documentação do livro e em seguida da pesquisa do acervo histórico da biblioteca da FAUUSP. Foi assim possível um levantamento do material disponível na época da redação do livro, do material estrangeiro à disposição, seja traduzido em português seja em outros idiomas, e o aparecimento dos primeiros artigos internacionais sobre arquitetura brasileira.

No segundo capítulo analisa-se os perfis das duas autoras, ambas jovens, italianas, judias e formadas, emigradas no Brasil. A maior fonte de informação para realização deste capítulo foram as entrevistas feitas aos familiares das duas mulheres, Annarosa Debenedetti, filha de Emma, e Andrea Calabi, neto da mesma. Através destas últimas foi possível compor uma reconstrução do perfil das duas autoras, para entender a relação entre elas, como elas se conheceram, e a inserção delas no círculo italianos de intelectuais dos anos 1950.

As duas biografias querem inspecionar as origens de cada uma, a cidade natal e o contexto familiar em que nasceram e cresceram. Fundamental foi entender a formação delas, enquanto não comum na época por duas mulheres ser inseridas no âmbito acadêmico, e como isso também influenciou a posição delas uma vez chegadas em São Paulo. Anita e Emma se encontram na fuga da pátria Itália, sem imaginar de criar um vínculo que durou a vida inteira.

O terceiro e último capítulo contém a análise de algumas questões apresentadas ao longo da pesquisa. Apesar das duas autoras não terem uma formação direta no campo da arquitetura, enfrentam muitas temáticas enormemente discutidas na época destacando os aspectos da transferência e adaptação culturais do imigrante. São primariamente analisados os diferentes fluxos e perfis profissionais dos imigrantes italianos ao longo do período discutido. Através da individuação dos

fenômenos sociológicos dos dois diferentes fluxos de imigração, foi possível individualizar semelhanças e diferenças que provocaram variações na integração do migrante na sociedade brasileira. Em seguida, com base nas considerações anteriores, discute-se da inserção do estrangeiro, neste caso italiano, no mercado do trabalho e mais em geral nas dinâmicas da cidade.

Terceira temática aborda a produção paulistana e os paralelos italianos. Sendo que no livro tem constante referências aos gostos e estilos italianos, contemporâneos e não à época apresentada, foi necessário cotejar algumas das obras e tendências discutidas pelas autoras em São Paulo, com a produção na Itália em cada momento destacado.

Último ponto abrange a temática de gênero, partindo de algumas considerações sobre a inclusão das duas autoras no círculo cultural italiano, numa visão de mulheres pioneiras num contexto dominado da homens.

O trabalho conclui-se com uma seção dedicada a uma série de anexos que inclui as quatro entrevistas realizadas ao longo da pesquisa. Neste sentido, foi possível incorporar informações levantadas através de consulta de fontes primárias, que ajudaram na compreensão do contexto, do livro e das duas autoras através de testemunhos diretos de acontecimentos e experiências. As entrevistas estão divididas em duas tipologias, duas de âmbito acadêmico e duas no âmbito familiar. As primeiras envolveram dois ex-professores da FAUUSP, agora

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

aposentados, que além de uma relação especial com o livro, usaram-no como fonte bibliográfica nos próprios cursos; o arquiteto Júlio Katinsky, que doou as cópias da primeira edição do livro de 1953, e Paulo Bruna, que se ocupou da tradução da última de 1981. No âmbito familiar foram entrevistados a filha, o neto, um sobrinho e uma sobrinha-neta de Emma Debenedetti, ajudando na realização de um perfil mais completo da vida das duas autoras.

1

ARQUITETURA ITALIANA EM SÃO PAULO

A pesquisa baseia-se na leitura e subsequente análise do livro “Arquitetura italiana em São Paulo”, publicado em 1951, de autoria de Anita Salmoni e Emma Debenedetti em 1951. O livro é o resultado de uma pesquisa iniciada pelas duas autoras com o objetivo de concorrer na primeira edição do “Prêmio Pasquale Petraccone”¹, anunciado pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro² no mesmo ano. Conforme o edital:

“Por iniciativa do instituto cultural Italo-Brasileiro de São Paulo, foi instituído o prêmio ”Pasquale Petraccone”, para ser atribuído, mediante concurso, à melhor monografia inédita, que constitua uma contribuição à história das relações entre o Brasil e a Itália, no setor literário, artístico, econômico ou social. O prêmio é indivisível e consta da quantia de Cr\$ 30.000,00 e da publicação em volume, numa coleção editorial a cargo do

1. Jornalista e editor, foi expulso do território italiano durante a época do fascismo e virou representante do movimento antifascista brasileiro.

2. O Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro (ICIB), localizado na Rua Frei Caneca, é uma associação brasileira da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada nos anos '50 do século passado.

Instituto.”³

O objetivo da competição era estimular dos concorrentes em desenvolver um estudo monográfico que contribuisse para a história das relações culturais, políticas ou sociais entre a Itália e o Brasil, um dos principais objetivos para os quais a figura do Instituto Cultural foi estabelecida. Fundado pouco antes da publicação, nos anos 1950 em São Paulo, o Instituto Cultural Italo-Brasileiro tinha por escopo a realização de atividades educacionais e culturais, visando especificamente a intensificação do intercâmbio entre os dois países. O ICIB é reconhecido pelo Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale (MAECI) e pelo Consulado Geral da Itália, como instituição que se ocupa da difusão da língua e cultura italianas no exterior. A motivação inicial das autoras ao escolher tratar desse tópico decorreria de sua curiosidade em estudar as constantes estilísticas dos edifícios da cidade, algo que, segundo afirmam, teriam percebido desde a chegada a São Paulo no final da década de 1930, fato que atribuem à forte presença de imigrantes italianos na cidade entre o final do século XIX e início do XX:

“[...] falar sobre o artesanato italiano importado para o Brasil [...] dos muitos construtores e pedreiros italianos que, aqui emigraram em ondas sucessivas desde o início do século e talvez até mais cedo, contribuíram validamente para a construção de São Paulo, de acordo com as técnicas e os princípios da arte. Estilo que distingue o trabalhador italiano em todo

3. EURÍPEDES, P. *Notiziario Culturale dell'Istituto di Cultura Italo-Basiliano*. Revista de História. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, 1953cec, pag.539.

**PREMIO PASQUALE
PETRACONE**
**Iniciativa do Instituto Cultural
Italo — Brasileiro de
São Paulo**

Por iniciativa do Instituto Cultural Italo-Brasileiro de São Paulo, foi instituído o prêmio "Pasquale Petraceone", para ser atribuído, mediante concurso, à melhor monografia inédita, que constitua uma contribuição à história das relações entre o Brasil e a Itália, no setor literário, artístico, econômico ou social. O prêmio é indivisível e consta da quantia de Cr\$ 30.000,00, e da publicação em volume, numa coleção editorial a cargo do Instituto.

Qualquer pessoa poderá participar do concurso devendo as monografias ser redigidas em língua portuguesa ou italiana e não ultrapassar de 200 páginas datilografadas de um só lado, com dois espaços entre-linhas. Os trabalhos, em três cópias, serão assinados sob pseudônimo e acompanhados de um envelope fechado, sem qualquer timbre ou legenda, contendo o nome verdadeiro do autor, título do trabalho e subscrito com pseudônimo.

Os originais deverão ser entregues em mãos, mediante recibo ou registrados pelo correio até o dia 31 de março de 1952, na sede do Instituto Cultural Italo-Brasileiro de São Paulo, à rua 7 de abril, 230, 5º and., São Paulo.

A entrega do prêmio será realizado oficialmente na sede do Instituto no mês de junho de 1952.

1. Artigo do Correio da Manhã. 13 de junho de 1951.

o mundo“⁴

Vale ressaltar que nenhuma das duas autoras teve formação relacionada ao campo da arquitetura: Emma Debenedetti, formada em história da arte, aproximara-se do tema graças, em parte, à rede de conhecidos de seu irmão, o arquiteto Daniele Calabi, com quem emigrara para o Brasil pouco depois da promulgação da legislação antissemita na Itália fascista em 1938, em meio a uma leva de exilados italianos e europeus em geral, principalmente judeus e sobretudo após o início da 2a. Guerra Mundial. Já Anita Salmoni, formada em literatura, teria se concentrado sobretudo na pesquisa em arquivos e na redação e revisão do livro.

4. DEBENEDETTI, Emma; SALMONI, Anita. *Anna tra due culture*. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1965, p.86.

1.1 ESTRUTURA DO LIVRO

O livro é dividido em cinco capítulos que identificam a evolução da construção da cidade em etapas temporais conforme as influências estilísticas e construtivas da arquitetura italiana. Desde a primeira leitura do livro, é perceptível a presença na narrativa de uma distinção entre dois momentos diferentes na difusão do fenômeno. Uma primeira, tratada até o terceiro capítulo, que descreve as primeiras ondas migratórias de italianos entre os séculos XIX e XX, nas quais se define a figura do arquiteto mestre-de-obras; e uma segunda, abordada nos demais capítulos, que explora um outro perfil de imigrante intelectualizado, em menor número, a partir da Primeira Guerra Mundial, em que emerge a figura do arquiteto profissional liberal.

No primeiro capítulo, é apresentada uma descrição da cidade no começo do século XIX, identificando alguns aspectos que fizeram de São Paulo uma cidade tipicamente “paulista”, e sua transformação, depois da chegada dos italianos. Essa transformação é descrita através da ótica de Alfredo Moreira Pinto, autor de *“A cidade de São Paulo em 1900 - Impressões de viagem”*, que, de volta a São Paulo depois de trinta anos fora do país, apresenta uma cidade de excelência, com calçadas, ruas iluminadas através de lampiões de azeite, praças arborizadas, o surgimento de bairros elegantes e a consolidação de bairros industriais, como o Brás e a Mooca: “Era então S. Paulo uma cidade puramente

paulista; hoje é uma cidade italiana!!”.⁵ Mas a partir de 1870 já era perceptível a ampliação e renovação da cidade, e ainda mais rapidamente depois 1885. São justamente estes os anos que assinalam o início de uma imigração regular e importante de trabalhadores italianos para o Brasil em geral e para São Paulo em particular. Segundo Anita Salmoni e Emma Debenedetti, se por volta de 1850 quase não existiam italianos em São Paulo; em 1882, calculava-se que houvesse mais ou menos 6.000 italianos na cidade, e depois de 1885, com as políticas do imperador Dom Pedro II, as chegadas se intensificaram.⁶

A figura de mestre-de-obras começa a ser apresentada no segundo capítulo, onde são analisados os primeiros profissionais que teriam introduzido o neoclassicismo e o ecletismo italianos na arquitetura paulista. Entre muitos outros, Tommaso Gaudenzio Bezzi, Luigi Pucci e Giulio Micheli se destacariam, segundo as autoras, por sua importância no projeto e construção de alguns dos monumentos e obras mais representativos da cidade, como o Monumento à Independência Brasileira e o Museu do Ipiranga, por Bezzi, que teriam permitido a difusão em muitas construções paulistas de traços arquitetônicos derivados das teorias de Jacopo Barozzi da Vignola. Destacariam, segundo as autoras, por sua importância no projeto e construção de alguns dos monumentos e obras mais representativos

5. MOREIRA PINTO, A., *A Cidade de São Paulo em 1900 - Impressões de viagem*, Imprensa Nacional, 1900, Rio de Janeiro, p. 9. DEBENEDETTI, Emma; SALMONI, Anita. *Arquitetura Italiana em São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981, p. 21.

6. DEBENEDETTI, Emma; SALMONI, Anita, 1981, p. 23.

da cidade, como o Monumento à Independência Brasileira e o Museu do Ipiranga, por Bezzi, que teriam permitido a difusão em muitas construções paulistas de traços arquitetônicos derivados das teorias de Jacopo Barozzi da Vignola.

De fato, em uma consulta à Biblioteca Municipal de São Paulo, as duas autoras haviam encontrado duas cópias do texto do Vignola em português. Uma delas, *O Vignola dos Proprietários*, de propriedade de um dos primeiros engenheiros italianos, compreende até desenhos de demonstrações práticas para confecção de elementos arquitetônicos como janelas, portas e fechaduras. Difundido pelos italianos, principalmente na realização das próprias casinhas dos mestres-de-obras, o gosto de Vignola foi logo adotado por empreiteiros locais.

No terceiro capítulo é apresentada a figura de Ramos de Azevedo⁷, organizador de uma poderosa empresa construtora, cuja atividade se impõe na história da arquitetura da cidade. Durante a sua direção à frente do Liceu de Artes e Ofícios, Ramos de Azevedo atraiu um importante conjunto de artistas italianos, pintores, escultores, cenógrafos, modeladores e arquitetos, estabelecendo um verdadeiro centro de difusão de arte italiana graças à forte presença ali da arquitetura e dos trabalhadores italianos. Foi assim que muitos

7. Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928), engenheiro-arquiteto formado na Bélgica e um dos fundadores da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Foi fundador do maior e mais longo escritório de arquitetura do Brasil, o Escritório Ramos de Azevedo onde que saíram praticamente todos os projetos residenciais da elite e os principais projetos públicos da cidade.

escultores e decoradores que lecionaram no Liceu e muitos alunos que atenderam aquelas aulas, também teriam um papel importante na vastíssima produção do estúdio do arquiteto. A principal polêmica na época, entre aqueles que tiveram contatos diretos com Azevedo foi a respeito da atribuição da autoria da obra sob o nome do escritório: segundo um procedimento muito comum no século XIX, Ramos de Azevedo indicava em linhas muito gerais o esquema dos edifícios a ser construído, deixando aos colaboradores o encargo de desenvolver e compor a alvenaria e de executar a decoração.

A partir do quarto capítulo, inicia-se a discussão sobre a segunda grande onda migratória de italianos, definida por seu perfil mais intelectualizado e profissionalizado, iniciada no entre-guerras. Considerando a proximidade geracional de seus personagens, as duas autoras compuseram o capítulo a partir de entrevistas com os próprios arquitetos, diferentemente do recurso predominante a arquivos fotográficos e históricos, nos capítulos relativos aos velhos mestres e engenheiros.

A imigração de intelectuais para o Brasil foi sempre muito reduzida, em comparação com a de operários e trabalhadores braçais. No campo da arquitetura, em São Paulo, a difusão de tendências arquitetônicas apreendidas na nação de origem foi facilitada pela necessidade de construir por causa do contínuo aumento da população. Através do uso de estruturas metálicas e do cimento, em substituição de pedra e tijolo, foi introduzida uma modificação no sistema de construção,

1. Arquitetura italiana em São Paulo

produzindo uma cisão entre o papel do engenheiro e do arquiteto. O primeiro com preparação técnica sobre a resistência dos novos materiais, e o segundo ocupando-se, equivocadamente, da superestrutura decorativa.

O último capítulo do livro se detém na fase mais recente, contemporânea a elas, da chegada do moderno em São Paulo. O capítulo começa com um trecho do ensaio de Bruno Zevi, “*História da arquitetura moderna*”⁸, que destaca a importância da influência da história da arquitetura moderna italiana na cultura arquitetônica de países estrangeiros. Zevi destaca a grande contribuição internacional da Itália através do debate, da pesquisa e da crítica em defesa da arquitetura moderna suscitada por movimentos políticos nacionalistas surgindo naquele período: “*Expressei na apresentação deste livro, a confiança de que a Itália possa realmente contribuir com a cultura arquitetônica do mundo [...]*”⁹.

Neste ambiente italiano de interesse e desenvolvimento de novas tendências arquitetônicas, formavam-se naqueles anos muitos arquitetos que divulgaram os próprios conhecimentos pelo mundo inteiro. Entre eles, no Brasil, destacam-se Gregori Warchavchik e Rino Levi, nenhum dos dois italianos de nascimento, mas ambos formados arquitetos na Itália e trazendo para São Paulo conteúdos de renovação na arte da construção, não somente através de seu preparo técnico, mas também de sua formação cultural europeia.

8. ZEVI, Bruno, *Storia dell'architettura moderna*. Turim: Einaudi, 1950, p.214.

9. ZEVI, Bruno, 1950, p.214.

Neste momento histórico, há uma mudança importante no modo como as autoras tratam os profissionais e suas obras. Até então, as construções analisadas em São Paulo eram definidas como italianas, em função de sua expressão plástica, característica de um estilo ou período histórico que teve seu centro de difusão na Itália. Mas com a arquitetura moderna, as autoras passam a se referir às obras como de arquitetos italianos, ou educados na Itália e não mais como obras de arquitetura italiana, isto é, passam a analisa-la à luz da autoria individual das obras produzidas por arquitetos italianos que se exprimem através de uma linguagem arquitetônica comum a todos os países.

“[...] discorrendo de arquitetura moderna [...] não mais devemos falar de arquitetura italiana, mas de arquitetura de italianos. Pois que hoje não mais se trata de uma linguagem arquitetônica italiana, mas de uma linguagem arquitetônica expressa por italianos.”¹⁰

Além de Gregori Warchavchik e Rino Levi, respectivamente, ucraniano e brasileiro de origem, mas com formação italiana, Debenedetti e Salmoni dedicam seções inteiras a casos exemplares de arquitetos italianos atuantes no Brasil, entre os quais profissionais contratados no exterior, como Marcello Piacentini e alguns de seus alunos, radicados em São Paulo, como Daniele Calabi, Lina Bo Bardi e Giancarlo Pianti. As seções dedicadas a estes últimos incluem testemunhos diretos por meio de entrevistas e análises de materiais selecionados nos arquivos dos próprios arquitetos.

10. DEBENEDETTI, Emma; SALMONI, Anita, 1981, p. 130.

1. Arquitetura italiana em São Paulo

Como mencionado acima, além do conteúdo referente ao aspecto mais explicativo, o livro é composto de introdução, conclusão e uma coleção de documentos e bibliografia que se constituem em trechos de grande relevância para a análise aqui proposta, posto que se referem mais diretamente à experiência de pesquisa das duas autores em São Paulo na confecção do livro.

A introdução é aberta por uma citação ao historiador Siegfried Giedion, proveniente de *Space, Time and Architecture*¹¹, acerca do papel do historiador, da metodologia histórica e das dificuldades por ele enfrentadas ao se colocar a tarefa de transmitir um testemunho da própria época.

*“não é tarefa do historiador dizer o que pessoalmente lhe agrada ou não. Ele deve somente explicar, mostrar por que a história tomou ou determinadas diretrizes. As vozes produzidas pelas necessidades da época são sua verdadeira orientação, e é de uma daquelas vozes que ele deve extrair sua própria explicação de uma determinada época (período). A verdadeira crítica de uma época pode ser extraída somente do testemunho da própria época”*¹²

O primeiro aspecto destacado pelas duas autoras é a necessidade de, antes de centrar-se nas obras de arquitetura isoladamente, observar a cidade de São Paulo, estudar a sua expansão e taxas explosivas de crescimento, seu dinamismo e rápido desenvolvimento. Diante,

11. GIEDION, Sigfried. *Space, Time and Architecture (the growth of a new tradition)*. Cambridge: 1944, p.18.

12. GIEDION, Sigfried, 1944, p. 18.

portanto, da cidade flagrada no presente, elas se propõem a investigar os principais momentos e mudanças vividos pela cidade na história, em sua expansão física para acomodar o aumento da população, em sua renovação vertical da cidade, e não apenas em sentido horizontal, nas novas técnicas construtivas nela introduzidas na materialização desse processo. Para compreensão da formação histórica da cidade, as autoras recorreram à consulta de diferentes tipos de materiais. Trata-se de conferências pronunciadas por Gilberto Freyre e Yan Almeida Prado no Museu de Arte de São Paulo, os estudos de Francisco Prestes Maia sobre o primordial plano urbanístico da metrópole e os guias de viagem a São Paulo escritos pelos cronistas Alfredo Moreira Pinto e Jacinto Silva.

Por outro lado, os escritos de Yan Almeida Prado, que disponibilizou sua biblioteca pessoal para a pesquisa, consultados pessoalmente pelas duas autoras, vincularam-se à formação arquitetônica mais específica da cidade, permitindo a possibilidade de consultar materiais raros, *“navegando documentos de arquivo e ouvindo as explicações de Yan Almeida Prado”*.¹³

Além da proposta de articular a história da arquitetura com a história urbana, uma das inovações trazidas na pesquisa foi justamente, e inevitavelmente, a valorização do aspecto histórico com a adição da

13. DEBENEDETTI, Emma; SALMONI, Anita, 1965, p. 95.

Informações obtidas pela leitura do capítulo onze do texto encontrado na biblioteca do Instituto Cultural Italo-Brasileiro, as autoras contam do encontro com o historiador.

1. Arquitetura italiana em São Paulo

variante trazida pela imigração italiana na contribuição da conformação da futura metrópole. Tratado até bem recentemente como aspecto menor e degradante da história paulista, o imigrante ali principalmente introduzido como força de trabalho para a lavoura cafeeira e base do proletariado proto-industrial paulistano, vinha se tornando objeto de uma revisão importante em face da historiografia tradicional. De fato, à medida que novas perspectivas de análise afloravam nos anos 1930, com o surgimento da Universidade de São Paulo e da Escola Livre de Sociologia e Política, e uma primeira e segunda gerações de descendentes de estrangeiros ascendiam no mercado das profissões e das ideias, a imigração e o imigrante começariam a ser encarados como elemento de modernização, diferenciação social e distinção regional de São Paulo no quadro nacional. Sempre foi Yan de Almeida Prado quem contribuiu com noções sobre a história da imigração em São Paulo. As autoras lembram de ter consultado na biblioteca volumes dedicados à *“l’indigeno, l’africano, il portoghese”*¹⁴, devidamente separados em três pilhas diferentes, remetendo-se às interpretações clássicas da história do Brasil a partir das “três raças” formadoras.

Mas se a bibliografia de ambas acerca da formação étnica do Brasil revela-se ainda convencional, é certo que a condição de imigrante urbano, móvel e intelectualizado, característica não só das duas autoras, entre o final da década de 1930 e 40 em São Paulo foi decisiva para a definição do objeto e da abordagem eleitos. Sue rede de compatriotas

14. DEBENEDETTI; SALMONI, 1965, p. 91.

Trad. *o indígena, o africano, o português.*

provavelmente compartilhava de características sociais similares, senão trazidas na bagagem com a onda imigratória mais recente movida pela 2a. Guerra, adquiridas com a ascensão socioeconômica e cultural da colônia italiana local ao longo das décadas precedentes. As próprias características do prêmio por elas recebido do ICIB revela não só o apreço pelas relações binacionais, mas a autoestima dos imigrantes italianos e seus descendentes no meio paulista.

Seja como for, é naquele contexto de revisão historiográfica do estatuto do imigrante na formação social local que as autoras se debruçam sobre a contribuição cultural e urbana dos italianos em São Paulo, recolhendo documentos e fotografias em acervos públicos e particulares e recorrendo a testemunhas oculares, de modo a observar e analisar tanto o que foi demolido e mantido do passado, como, principalmente, aquilo que a ele se somou no processo de transformação do universo da arquitetura e da construção civil e de reconfiguração da fisionomia da cidade com a chegada dos imigrantes.

“Não temos a pretensão de ter feito história, mas, sim, de recolher testemunhos e dados para o historiador futuro, na esperança de que uma mais completa história da arquitetura paulista possa vir a se valer com alguma utilidade desse nosso estudo.”¹⁵

Uma das principais contribuições do texto é precisamente a coleção de documentos e o recorte bibliográfico que as autoras elaboram na forma de um apêndice. Na parte final do livro, uma seção inteira é

15. DEBENEDETTI; SALMONI, 1953, p. 19.

1. Arquitetura italiana em São Paulo

dedicada a cada capítulo e subcapítulo em que as fontes utilizadas são anotadas, constando de bibliografia adicional e comentários pessoais provavelmente obtidos por meio de entrevistas. No apêndice do capítulo cinco, dedicado a monografias curtas de arquitetos modernos, elas organizam o material, elaborando listas divididas em diferentes categorias, incluindo obras, escritos, dados bibliográficos, exposições e congressos. A bibliografia do livro consiste de diferentes tipos de textos, incluindo revistas de arquitetura, principalmente italianas, disponíveis na época em São Paulo¹⁶, jornais locais¹⁷, ensaios e estudos de estudiosos, cronistas e historiadores paulistas, textos de historiadores da arquitetura estrangeiros, como Giedion e Zevi e artigos de periódicos internacionais que começavam a se interessar pela arquitetura brasileira a partir da década de 1940.¹⁸

16. Na época, as três importantes publicações brasileiras em circulação sobre arquitetura eram as revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*. A bibliografia é acrescentada com alguns títulos de revistas italianas ilustradas de artes aplicadas, difundidas em São Paulo, como *L'artista Moderno* e *Le costruzioni moderne in Italia. Facciate di edifici in stile moderno*.

17. Entre os muitos foram consultados o Almanaque de *O Estado de São Paulo*, a *Provincial de São Paulo*, o *Correio de São Paulo*, o *Correio da Manhã*, o *Diário Nacional*, o *Diário de São Paulo*.

18. Desde 1940 começaram aparecer os primeiros artigos internacionais que despoletaram o interesse de acadêmicos e teóricos sobre arquitetura moderna brasileira. Através da exposição Brazil Build, realizada por Philip Goodwin no Museu de Arte Moderna de Nova York em 1943, apareceram uma série de artigos, publicados principalmente na revista *The Architectural Review* nos anos seguintes, que as duas autoras consultaram e colocaram na bibliografia.

1.2 AS EDIÇÕES E OS EDITORES

A pesquisa foi realizada a partir da consulta da edição de 1981 do livro, a última impressa e ainda disponível no mercado. Para individualização e comparação das diferentes edições, foi fundamental a consulta ao catálogo da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), onde foi possível encontrar três edições diferentes do livro: a original em italiano, datada de 1953, uma parcialmente traduzida para o português, de 1962, e a comercializada no Brasil, de 1981.

O livro foi publicado em italiano em sua primeira edição em 1953 pelo mesmo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, logo depois de ter ganhado o prêmio, como declarado no anúncio de concurso. Somente nos anos 80, o livro foi integralmente traduzido para o português e publicado pela Editora Perspectiva, na série debates, que se propunha a elaborar e difundir práticas culturais, aspectos distintos do período de florescimento da cidade e de seus protagonistas. A tradução, realizada pelo arquiteto Paulo V. Bruna¹⁹, é fundamental não apenas para a divulgação do conteúdo do livro, mas principalmente para a difusão da metodologia de pesquisa e do tema eleito, considerados inovadores no Brasil. Conforme apontado durante a entrevista ao professor Júlio R.

19. Formado arquiteto pela FAU-USP em 1963. Autor em 1973 da tese de doutorado *Arquitetura, Industrialização e Desenvolvimento*, também publicada na mesma série Debates, em 1976, professor do Departamento de História da FAU-USP desde 1973.

1. Arquitetura italiana em São Paulo

		ed. 1952	ed. 1962	ed. 1981
	Introdução	X		X
1	Aspecto de São Paulo por ocasião da chegada dos italianos	X	X	X
2	A influencia do neoclassicismo italiano em são Paulo			
	O neoclassicismo difundido pelos alemães	X	X	X
	Tommaso Gandenzio Bezzi e Luigi Pucci	X	X	X
	<i>Os mestres de obras</i>	X	X	X
3	Os colaboradores de Ramos de Azevedo	X	X	X
4	O estilo floreal			
	Giulio Michele e Giuseppe Chiappori	X		X
	Giovanni Battista Bianchi	X		X
5	A arquitetura Moderna Italiana em São Paulo			
	Gregori Warchawichik	X		X
	<i>Rino Levi</i>	X		X
	A influencia de Marcello Piacentini em São Paulo	X		X
	Daniele Calabi	X		X
	<i>Lina Bo Bardi</i>	X		X
	<i>Giancarlo Piantani</i>	X		X
	Conclusão	X		X

Tabela de comparação do conteúdo das diferentes edições.

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

Katinsky²⁰, que doou as duas cópias da primeira edição em italiano da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, o livro se insere no panorama da produção historiográfica brasileira como uma grande inovação no campo da metodologia de pesquisa, criando um novo modelo para ser estudado e usado, como ele próprio fez, no campo acadêmico²¹. Mas o professor Katinsky não foi o único que entendeu a preciosidade deste trabalho. A sua importância no âmbito dos estudos acadêmicos em história da arquitetura já havia sido reconhecida na década de 1960, quando os professores Flávio Motta, de história da arte, e Nestor Goulart Reis, de história da urbanização, ambos vinculados ao Departamento de História da FAU-USP, encomendaram a tradução de parte do livro para ser utilizado na disciplinas de história da arquitetura do curso de graduação.

Comparando-se as suas três edições do livro, verifica-se que o conteúdo não muda. O que se nota são principalmente alterações nas observações introdutórias para a apresentação do trabalho, e no aumento e modificação do repertório fotográfico. Outra mudança pertence a secção do livro dedicada à documentação e à bibliografia utilizadas: na última edição de 1981, os apêndices dos últimos capítulos resultam atualizados, com a catalogação de documentos relativa aos arquitetos, publicados depois de 1951.

20. Formado arquiteto pela FAU-USP em 1957. Professor assistente de história da arte e história da técnica da FAU-USP desde 1962 e autor em 1973 da tese de doutorado Casas Bandeiristas orientado pelo professor Flavio Motta.

21. Entrevista realizada pela autora ao professor Júlio R. Katinsky em 19 de novembro de 2019 (anexo 2).

Edição de 1952

“Este estudo sobre a arquitetura italiana em São Paulo levantou, inédito, em junho de 1952, o Prêmio ‘Pasquale Petraccone’ no concurso promovido pelo Instituto Cultural Ítalo-brasileiro de São Paulo para monografias que, através de indagações diretas e pesquisas de arquivos, dessem uma contribuição original à história das relações entre o Brasil e a Itália.

Com a publicação do presente volume, o Instituto se compraz em iniciar – no nome e na lembrança de um de seus fundadores, o saudoso jornalista e editor Pasquale Petraccone – uma coleção de estudos ítalo-brasileiros, a serem publicados em português ou em italiano segundo o idioma no qual foram escritos, e que abrange os mais diversos setores da atividade humana. Desta forma, o Instituto Cultural Ítalo-brasileiro de São Paulo pretende dar sua contribuição, modesta, mas positiva, ao desenvolvimento da pesquisa histórica no Brasil, como também à história – ainda por escrever – das ligações entre o povo brasileiro e o italiano, tão fervidas e ricas e fecundas em todos os campos e em todos os tempos.”²²

A primeira edição do livro foi escrita inteiramente em italiano, com exceção da nota introdutória acima reproduzida, em um português italianizado, escrita pelas duas autoras elas mesmas, apresentando a origem e a intenção do trabalho. Para a análise proposta nesta pesquisa foi consultado o exemplar da edição de 1952 de propriedade da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, doada em 1999 pelo professor Júlio Katinsky.

22. DEBENEDETTI; SALMONI, 1953, nota da edição.

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950



2. Architettura italiana a San Paolo. Edição 1953.

Edição de 1962

*"Tradução e resumo de alguns capítulos para uso dos alunos da Cadeira n° 20 em 1962."*²³

A impressão desta edição foi solicitada pelo professor da Cadeira n° 20 da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo em 1962, mesmo ano

23. DEBENEDETTI; SALMONI, 1962, nota da edição.

da reforma curricular que operou mudanças significativas nas práticas pedagógicas, nas temáticas e formas de trabalho na instituição, assim como na criação dos quatro Departamentos originais, entre os quais o Departamento Histórico-Crítico, chefiado pelo prof. Nestor Goulart Reis. A cadeira no. 20, de História da Arte e Estética, pertencia a este Departamento, e estava sob responsabilidade do prof. Flávio Motta, que desde o final dos anos 1950 vinha estimulando os estudantes a se dedicarem estudos locais, especialmente em torno da arte e da arquitetura modernistas. Enquanto responsável pela cadeira, o professor fez traduzir parcialmente o livro, compreendendo os primeiros três capítulos que analisam a influência italiana na história da arquitetura antes do movimento moderno. A tradução não foi realizada para uma publicação e impressão em grande escala, mas como uma espécie de apostila, para uso didático do texto na disciplina, salientando entre outras coisas a grande habilidade comunicativa do texto, por ele visto como um modelo válido de experiência de pesquisa.

“Dentre os objetivos da formação metodológica do estudante de arquitetura, o Departamento de História considerou, desde o início, a necessidade da iniciação das técnicas de pesquisa. Tais atividades contribuem, também, para o aperfeiçoamento dos programas da Cadeira, do pessoal docente, do bom encaminhamento da vida universitária pelo acréscimo e participação progressiva nas manifestações culturais do País.”²⁴

24. Resumo do programa da Cadeira n°20 de História da Arte e Estética presente no “Plano de ensino para 1966”. Documentação derivante do arquivo Flavio Motta consultado por Juliana Braga Costa na tese de doutorado “História, arte e arquitetura: Flávio Motta e o ensino como ofício”.

Como lembra o professor Paulo Bruna, a tradução desses capítulos foi provavelmente realizada a várias mãos, envolvendo também os alunos matriculados na disciplina do professor Goulart Reis, da qual ele era assistente, sobretudo no que diz respeito aos termos técnicos, que um estudante do período por certo não dominava.

Edição de 1981

A edição de 1981 pela Editora Perspectiva, à exceção de uma nota introdutória assinada por Luiz Alberto do Prado Passaglia, segue exatamente a primeira e única em italiano. Passaglia havia sido aluno e orientando de doutoramento do professor Paulo Bruna, que ele mesmo indicara para traduzir o livro para o português, considerando tratar-se de alguém com pleno domínio da língua italiana, bem como dos termos técnicos especializados, que os tradutores habituais da editora não tinham.

Esta edição mantém inalterada a articulação original dos capítulos, e, tal como declarado na introdução, mas incrementa e reordena as imagens de modo a enriquecer a documentação fotográfica e criar chamadas visuais mais rápidos. Apesar de muito informativo, e bem escrito, notava-se que o texto era mal documentado do ponto de vista da iconografia. Por essa razão foi sentida a necessidade de ampliar o registro das imagens, fotografando os exemplares que ainda estavam de pé quando realizada a edição em português.

O próprio tradutor explica na nota a razão da edição tantos anos depois:

1. Arquitetura italiana em São Paulo



3. Arquitetura italiana em São Paulo.
Edição 1981.

*“O texto em italiano era muito difícil de consultar, pois estava em poucas e raras bibliotecas”.*²⁵ A necessidade de traduzir e reeditar o livro surgiu por causa do impulso que ganhou o movimento a favor da preservação das obras arquitetônicas. De fato, a partir de 1974 foi criada uma listagem dos

25. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 10.

bens patrimoniais paulistanos por órgãos como o CONDEPHAAT e o atual CONPRESP, responsáveis pela preservação do patrimônio histórico do estado e da cidade de São Paulo, respectivamente. Por este motivo, o livro em italiano passou a ser muito requisitado enquanto única fonte organizada dessa arquitetura feita pelos mestres de obras, arquitetos e engenheiros italianos que haviam atuado em São Paulo.

Luiz Passaglia salienta ainda que apesar de nenhuma das duas autoras possuir formação específica no campo da arquitetura, revelam-se capazes de abordar um tema inédito como as influências arquitetônicas italianas em São Paulo, enfrentando algumas das questões mais amplamente discutidas nos debates da época, como o papel do historiador ou a importância do registro de depoimentos orais, assim como aspectos como a adaptação local de valores culturais estrangeiros ou o papel fundamental do imigrante como veículo de transferência cultural.

1.3 O CENÁRIO EDITORIAL DE ARQUITETURA EM SÃO PAULO

Uma vez identificada a notável importância da publicação do livro no mercado literário e no ambiente cultural brasileiro, reconhecendo a inovação introduzida e a consideração deste como uma das obras pioneiras da historiografia de arquitetura disponível no Brasil, faz-se necessário situá-lo em relação a outros livros publicados ou em circulação no Brasil no momento de seu lançamento.

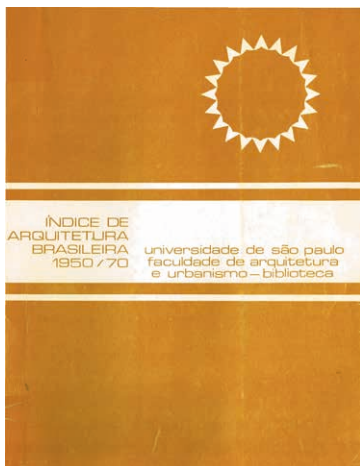
Refiro-me não somente à bibliografia sobre São Paulo, que com certeza ajudou as autoras na descrição dos fenômenos de expansão e desenvolvimento da cidade e da arquitetura no Brasil, mas também aos livros de crítica arquitetônica estrangeiros por ela acessados, de modo a entender algumas das fontes então disponíveis no meio local na área de conhecimento específica, bem como a relativa singularidade da contribuição por elas apresentada.

A análise do material sobre arquitetura divide-se então em duas partes: na primeira, aborda-se a produção escrita disponível no mercado brasileiro nos anos 1950, acessada pelas autoras; e na segunda, os livros e escritos que elas consultaram, através de uma investigação da bibliografia listada.²⁶

26. É preciso reconhecer que a situação de pandemia colocou dificuldades na realização desta parte do trabalho pela impossibilidade de pesquisa direta no acervo e por minha ausência do país.

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

O maior acervo de material arquitetônico disponível na época da pesquisa era o da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, criada em 1948 e desde 1949 abrigada em sua sede na Vila Penteado, em Higienópolis. Considerada hoje uma das maiores do país em matéria de arquitetura, urbanismo e artes visuais no país, a biblioteca da FAU nasceu junto com a Faculdade, como parte integrante da instituição, tendo como objetivo auxiliar o ensino e a pesquisa na área. Um dos maiores documentos elaborados pela biblioteca desde os anos 1950 é o *Índice de Arquitetura Brasileira*, único no país e fonte imprescindível para pesquisas nos periódicos de arquitetura e urbanismo editados no Brasil, e que compreende uma



4. Índice de Arquitetura Brasileira 1950/70.

1. Arquitetura italiana em São Paulo

listagem em ordem alfabética de autor, título e cronológica do catálogo e aquisições da biblioteca. Precisa-se ressaltar que claramente muitos dos títulos da biblioteca da FAU foram adquiridos posteriormente às suas edições originais.

Pesquisando algumas palavras-chave e percorrendo algumas seções específicas do Índice, é possível obter informações relevantes sobre o material em circulação no momento da redação do livro e pesquisas semelhantes realizadas. Na análise das seções *Arquitetura - História e Arquitetura - Teoria* do Índice da *Arquitetura Brasileira 1950-1970* encontra-se muito material a respeito deste argumento, entre os quais destacam-se na maioria artigos publicados em revistas como *Habitat* e *Acrópole*. A primeira revista foi publicada no período de 1950 a 1965, e dirigida até 1954 pelo casal de italianos emigrados para o Brasil Pietro Maria e Lina Bo Bardi. De caráter cultural, reunindo arte, arquitetura, design, cinema, teatro, música, fotografia e outras temáticas relacionadas ao ambiente sociocultural da época, a revista editada pelo Museu de Arte de São Paulo possuía, assim como o Museu, fortes relações com a Itália e a colônia italiana em São Paulo. A arquitetura teve um lugar especial pelo espaço que ocupava em suas edições e, em especial, pelo envolvimento de seus organizadores com a arquitetura moderna brasileira. Já *Acrópole* circulou no país entre 1938 e 1971 e durante seus anos de publicação foi uma das mais importantes revistas de arquitetura no país, a partir dos anos 1950 estabelecendo um vínculo estreito com a seccional São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil, com os

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

arquitetos modernos e especialmente com aqueles vinculados à FAU-USP. A revista trazia projetos arquitetônicos nacionais e internacionais, com foco na cidade de São Paulo. Projetos de decoração e urbanismo também eram frequentes, assim como textos teóricos e opinativos.

Ao refinar a pesquisa e colocar as publicações com prazo até 1953 a quantidade de material é significativamente reduzida e entre elas, aquelas em português são ainda menos numerosas. A maior parte do material produzido no Brasil na época nas revistas especializadas, incluindo *Arquitetura e construções* (São Paulo, 1929), *Revista de arquitetura* (Rio de Janeiro, 1934), *Arquitetura e urbanismo* (Rio de Janeiro, 1936), *Acrópole: arquitetura, urbanismo, decoração* (São Paulo, 1938) e *Habitat: arquitetura e artes no Brasil* (São Paulo, 1950) onde foram publicados os primeiros artigos sobre a presença da influência italiana na arquitetura. De maior número no catálogo da biblioteca, são as publicações estrangeiras, nos idiomas originais inglês, espanhol e italiano. Precisamente este era um dos idiomas mais presentes nos periódicos da época, a representar a influência da bibliografia e especialmente dos periódicos italianos no desenvolvimento das bases teóricas e práticas de arquitetura no Brasil. Entre os autores italianos, disponíveis na época, destacam-se Vignola, Andrea Palladio, Gustavo Giovannoni, Marcello Piacentini, Bruno Zevi, usados tanto para o estudo da história da arquitetura italiana quanto para a própria contribuição metodológica e historiográfica. Analisando a bibliografia do livro, além dos textos mencionados acima, as duas autoras se referem a outros tipos de fontes de informação.

1. Arquitetura italiana em São Paulo

O trabalho de pesquisa se expandiu para a consulta de outros arquivos e materiais não diretamente correlatos ao campo da arquitetura. Entre as muitas fontes utilizadas pelas autoras, elas se referem a jornais nacionais e locais, consultados no Arquivo do Estado e no Arquivo Histórico Municipal, entrevistas com os próprios arquitetos ou familiares, revistas italianas e material ainda não em circulação no Brasil, obtido graças à inserção das duas mulheres no círculo cultural italiano de São Paulo. Contribuição nesse sentido fundamental em seu trabalho de pesquisa foi aquela de Lina Bo Bardi, que colaborou ativamente disponibilizando a própria experiência, artigos e desenhos de vários jornais e revistas da Itália, cuja consulta, como declarado pelas autoras, viabilizou o estabelecimento de uma documentação tanto quanto mais completa da arquitetura e do cenário da época.

2

ANITA SALMONI E EMMA DEBENEDETTI: DUAS AUTORAS EM UM MEIO HISTORIOGRÁFICO EM FORMAÇÃO

Anita Salmoni e Emma Debenedetti, duas jovens italianas, judias, com formação de nível superior, forçadas a fugir da própria pátria em função da Guerra e das leis raciais antissemitas do regime fascista e largando uma promissora carreira acadêmica para imigrar ao Brasil. O que deu origem à grande amizade e cumplicidade entre as duas autoras foi certamente a experiência compartilhada antes e depois de chegar a São Paulo.

Como afirmado por Annarosa Debenedetti¹, Anita e Emma se conheceram no navio que as levou ao Brasil. Foi no navio Conte Grande que desembarcaram no porto de Santos em abril de 1939² que as duas mulheres se conheceram, criando desde então um forte vínculo de amizade, que durou a vida inteira. Para a reconstrução da

1. Filha de Emma Debenedetti, entrevistada pela autora em junho 2020 (anexo 4).

2. Planilha 1 e 2 anexadas em BIGAZZI, Anna Rosa. *Os dialetos judeu-italianos. Um estudo sobre o bagito*. Tese (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

relação entre as duas mulheres, foram relevantes os dois testemunhos concedidos pela filha de Emma e por seu sobrinho Andrea Calabi, que moraram pessoalmente nas três casas construídas por seu tio o arquiteto Daniele Calabi. Ambos lembram com clareza do forte vínculo de amizade entre Emma e Anita, primeiro nas aulas de italiano e depois no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, e projetando-se no ambiente altamente literário das casas onde ambos habitaram em sua infância e juventude em São Paulo. Andrea destaca o fato de que as duas sempre nutriram grande orgulho do trabalho que fizeram em conjunto, que dialogavam com frequência e que foram figuras de referência uma para outra, provavelmente por causa da similitude de experiências de vida. Sempre marcadas por sua cultura de origem, por sua formação italiana e pelo círculo de amizades com artistas e intelectuais, as duas se viram desde cedo cercadas por referências provenientes de diversas disciplinas e campos de conhecimento.

A pesquisa sobre as duas autoras inevitavelmente levou à necessidade de identificar outras publicações escritas por elas, e o livro em análise parece ser o único trabalho que aborda o tema arquitetônico. Tendo ambas se formado em ciências humanas, elas são responsáveis por uma produção escrita vinculada às próprias áreas de estudo. Entre as duas, Anita Salmoni foi aquela que mais publicou livros, em especial de gramática italiana para estrangeiros, pois exerceu a profissão de professora de italiano em várias instituições de São Paulo.

Um importante testemunho da vida pessoal e profissional das duas

2. Anita Salmoni e Emma Debenedetti: duas autoras em um meio historiográfico em formação

autoras em São Paulo é descrito no manuscrito nunca publicado “*Anna tra due culture*”³, do qual uma cópia reside na biblioteca do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. Através do uso de pseudônimos, Anita, autodenominada Anna, e Emma, com o nome de Lúcia, as autoras narram os eventos marcantes do nascimento do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro em São Paulo entremeando-o com referências à história de São Paulo, eventos significativos acontecidos no Brasil e vicissitudes de vários personagens italianos e brasileiros que visitaram o Instituto. As figuras dos vários diretores e colaboradores do ICIB são parciais ou totalmente inventadas. O livro inteiro é uma coleção de documentos pessoais e memórias das duas autoras, articulados em capítulos sobre a cotidianidade familiar de ambas as mulheres e acontecimentos profissionais e históricos.

Graças à contribuição da senhora Annarosa Debenedetti, descobri um outro texto escrito pelas duas autoras em conjunto. É um texto que nunca foi publicado e que elas escreveram à distância quando Emma retornou à Itália. Anita escrevia o livro e enviava os rascunhos para Emma em Milão, que os corrigia e emendava. Elas completaram o livro, mas nunca o enviaram a uma editora, pois Emma considerava que ele estava em um nível insatisfatório de italiano.

A amizade entre as duas mulheres se estendeu à família inteira. De fato, os maridos das duas eram químicos e tentaram várias vezes fazer negócios juntos. As duas filhas, Annarosa e Paola, graças à amizade das

3. Trad. *Anna entre duas culturas*.

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

mães, compartilharam experiências de infância e adolescência juntas como se fossem irmãs, dando à luz a um relacionamento ainda hoje muito próximo.

2.1 ANITA SALMONI, UMA LINGUISTA NO CÍRCULO DE IMIGRANTES ITALIANOS DE SÃO PAULO

Anita Cevidalli nasceu em Parma em 1915, filha de Attilio Cevidalli, professor de Medicina da Universidade de Pádua, e irmã de Guido. Anita estuda no liceu clássico Tito Lívio e se forma *cum laude* em Literatura e Filosofia na Universidade de Pádua em 1937. A partir deste ano e até 1938, ela trabalha como monitora voluntária nos cursos do Istituto di Glottologia⁴ da mesma faculdade em que se forma.

Em 1939, aos 24 anos de idade e uma previsão de brilhante carreira universitária, casa-se com Renato Salmoni, assistente de química industrial e professor de química aplicada na Faculdade de Engenharia da Universidade de Pádua e, após serem ambos expulsos da universidade, abandonam a Itália juntos por causa das leis raciais de 1939.⁵ Os dois emigram para o Brasil, escolhendo como destino a cidade de São Paulo.

No país eles continuaram exercer a profissão de docentes. Renato primeiro trabalha como professor de engenharia química na Universidade Mackenzie e em seguida como professor de materiais de

4. Trad. Instituto de Linguística Italiana.

5. As leis raciais fascistas eram um conjunto de disposições legislativas e administrativas aplicadas na Itália entre 1938 e os primeiros cinco anos da década de 1940, inicialmente pelo regime fascista e depois pela República Social Italiana e dirigidos principalmente contra pessoas de religião judaica. Seu conteúdo foi anunciado pela primeira vez em 18 de setembro de 1938 em Trieste por Benito Mussolini, e foram revogados em janeiro de 1944.



5. Anita Salmoni. Foto do cartão da universidade

construção na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.⁶ Anita ensina linguística na “*Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*” de 1947 a 1949 e trabalha, por trinta anos, no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, primeiro como professora e depois como diretora do curso de língua italiana e responsável pelas atividades culturais da entidade.

Durante esses anos, Anita colaborou na elaboração de um grande número de volumes dedicados ao ensino da língua italiana, em circulação entre as várias escolas de São Paulo e ainda hoje em uso. A pesquisa no catálogo do Instituto Cultural Ítalo-brasileiro revelou publicações de vários livros, incluindo “*Impariamo l’italiano*” (Nobel, São Paulo, 1967), “*Letture italiane per brasiliani*” (Libreria Italiana, São

6. Santos, Luciene Ribeiro dos, *Os professores de projeto da FAU-USP (1948-2018): esboços para a construção de um centro de memória*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

2. Anita Salmoni e Emma Debenedetti: duas autoras em um meio historiográfico em formação

Paulo, 1967), *“Lecture per brasiliani”* (Orlandi Ed., São Paulo, 1967), *“Corso di Lingua italiana”* (Nobel, São Paulo, 1977), *“Em busca das linguagens perdidas”* (Perspectiva, São Paulo, 1978).

Em 1975, ela passou a ocupar a carga de professora no curso de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ela ainda organiza e dirige cursos de italiano para brasileiros na escola Eugenio Montale em São Paulo; escreve, organiza e dirige um curso de italiano por correspondência e um curso de italiano para rádio e televisão em colaboração com E. Bizzarri e P. Bozzetti. De 1987 a 1989, foi editora da coluna *“Bibliomania”* do Correio Brasileiro.

Por seu desafio em difundir a cultura italiana no Brasil, em 1990, recebeu o título de Cavaliere della Repubblica⁷ do Presidente da República Italiana.

Faleceu em São Paulo em 2009, com 94 anos de idade.

7. Título atribuído com objetivo de recompensar os serviços prestados à nação italiana no domínio da literatura, belas-artes, economia, serviço público, atividades de caráter social, filantropia ou humanitários.

2.2 EMMA DEBENEDETTI, UMA HISTORIADORA DA ARTE NA COLÔNIA LOCAL DE ARQUITETOS

Emma Calabi Debenedetti nasceu em Verona em 1910, filha de Emilio Calabi, engenheiro ferroviário e Claudia Segre. Foi a segunda de cinco irmãos: Daniele, o gêmeo Fábio, Ulderico e Livia Calabi.

Formou-se em Letras na Universidade de Milão em 1933 com uma tese sobre história da arte com título “*La pittura a Brescia nel Seicento e nel Settecento*”.⁸ Com domicílio contínuo em Brescia, Emma viajava diariamente para Milão, o que não era algo bem visto pelos outros. Em Brescia, foi professora de história da arte de 1934 a 1936 no Regio Liceo-Ginnasio “Arnaldo”, e terá como alunos personalidades que se tornaram importantes no mundo da cultura. Ela continuou os estudos e se aperfeiçoou em história da arte na Regia Università di Roma⁹ em 1938, com pesquisas sobre o pintor do século XVI, Vincenzo Civerchio, sobre manuscritos da Catedral Antiga (1471-1474) e do convento de São Francisco de Assisi (1489-1496) em Roma.

Em 1932, Emma conheceu seu futuro marido Emilio Debenedetti, engenheiro químico de Turim, com o qual se casa em fevereiro de 1939. Depois dos estudos em Roma e antes do casamento, ela ganha uma bolsa de estudos em história da arte em Paris, onde permanece

8. Trad. *Pittura bresciana entre os séculos XVII e XVIII*.

9. Hoje em dia, a Universidade de Roma “La Sapienza” é uma instituição de ensino superior italiana localizada em Roma e uma das mais antigas e maiores universidades do mundo em número de estudantes.

2. Anita Salmoni e Emma Debenedetti: duas autoras em um meio historiográfico em formação



6. Emma Debenedetti.
Foto da formatura de 1933.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 23150

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Emma Galabi Debenedetti
Admitido em território nacional em caráter temporário

Nos termos do art. 225, letra A, do dec. n. 3.010, de 1938
Lugar e data de nascimento Verona, em 7 / 6 / 1910.
Nacionalidade italiana Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Emilio Galabi e Claudia Sagra Profissão Professora
Residência no país de origem Via Michelangelo 11 - Turim
nome nome idade idade sexo sexo

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 793185 expedido pelas autoridades de Polícia de Brescia - Italia na data 13-Novembro-1938
visado sob n. S/N ASSENATURA DO PORTADOR Emma Galabi

Consulado Geral do Brasil em Genova.
20 de Março de 1939.
O CONSUL: Geral

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada a qualquer hora autoridade portuária, sendo os dados nela sujeitos

7. Emma Debenedetti.
Ficha consular de imigração.

alguns meses, antes de decidir voltar para Brescia, para estar perto da família após a edição das leis raciais por Mussolini.

Com as leis raciais e o clima social de intranquilidade na Itália, as famílias Calabi e Debenedetti são forçadas a fugir. A maioria dos componentes da família de Emma já tinham fugido para Brasil e por isso, em 1939, Emma e Emílio conseguiram sair da Itália com um visto de viagem de lua de mel e decidindo de não voltar.

Em São Paulo, moraram em uma das três casas construídas pelo irmão Daniele Calabi no Pacaembu, junto com o irmão gêmeo Fábio e os pais Emílio e Claudia.

O marido Emílio continuou a exercer a profissão de químico, virando diretor da Fábrica Água Branca da família Matarazzo, e Emma, tendo dificuldade na validação do diploma, não conseguiu continuar sua carreira acadêmica. A possibilidade de aplicar as suas habilidades de pesquisadora e historiadora surgiu através da realização do ensaio, “Arquitetura Italiana em São Paulo” em 1953 colaborando com Anita Salmoni para o Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. Desde esta época, começou uma colaboração com o Instituto como professora de história da arte em cursos livres.

Em São Paulo viveu uma vida dedicada à família, à casa e ao cuidar dos filhos, no dia dia, tinha sempre interface com todos os membros, avós, tios e primos definindo isso como um *“dia dia de crianças, escola, cozinha, passeios, férias em Campos do Jordão ou em Guarujá”*.¹⁰

10. Entrevista com Andrea Calabi (anexo 1).

2. Anita Salmoni e Emma Debenedetti: duas autoras em um meio historiográfico em formação

Como lembra Andrea Calabi, nas casas criava-se um ambiente altamente literário, tinha muitos livros emprestados, doados ou comprados, revistas e periódicos italianos como *L'Espresso* e *La Domenica del Corriere*, lembrando muito bem da interface entre Emma e Anita Salmoni. As duas sempre tiveram uma presença marcada por própria cultura e formação nos círculos de artistas e cercadas de referências de diversas disciplinas e membros de uma comunidade científica.

Devido à morte imprevista do filho Enrico, em 1957, Emma e a família decidiram voltar a morar na Itália, em Milão, onde começou a trabalhar como professora de literatura e história da arte na Escola Judaica de Milão.

A relação entre os membros da família continuou apesar da distância, e no específico Emma teve um forte vínculo com o irmão gêmeo, Fabio, que cuidou dela depois da morte do marido

A profissão de professora foi a grande salvação de Emma, especialmente após a morte do outro filho Salvatore, da mesma maneira que o primeiro. Segundo seu sobrinho e sobrinha neta, trabalhar e estar em contato com muitas pessoas foi o que lhe deu energia para continuar.

Emma faleceu em Milão, na casa da via Bergognone, em 1997, com 87 anos de idade, descrita pelo Andrea como *“uma mulher magrinha e independente que usava sempre o casaco de pelo”*.

3

ARQUITETOS ITALIANOS EM SÃO PAULO

Apesar das duas autoras não terem uma formação direta no campo da arquitetura, abordando um tema como as influências arquitetônicas italianas em São Paulo, enfrentam algumas questões enormemente discutidas entre os historiadores da época. Desde o início do livro, os principais temas abordados foram o papel do historiador, a importância da transmissão de depoimentos e aspectos da adaptação cultural, destacando a mudança da onda migratória do imigrante trabalhador para o imigrante intelectualizado, destacando o papel fundamental do imigrante como *transfer* cultural.¹

Nos últimos capítulos do livro, referindo-se à análise do surgimento da arquitetura moderna em São Paulo, as duas autoras fazem numerosas

1. Termo cunhado por Michele Espagne na década de 1980. No processo de transferência e migração de uma situação cultural para outra, qualquer objeto cai em um novo contexto e assume um novo significado. O intercâmbio cultural não é a circulação de objetos e ideias como eles já são, mas sua reinterpretação implacável, repensando e ressignificação. No livro, Debenedetti e Salmoni já discutem deste fenômeno da influência, no caso italiana, da cultura e dos pensamentos em São Paulo.

reflexões sobre os fenômenos das mudanças ocorridas no campo da arquitetura. Em primeiro lugar, enfatizam a questão da mudança da técnica de construção e como isso levou à identificação de diferentes figuras e conhecimentos no campo da arquitetura, assim como mudanças nas instituições de formação profissional, como a fundação da primeira faculdade autônoma de arquitetura em 1945 no Rio de Janeiro, com base na regulamentação profissional do arquiteto e prestígio cultural da arquitetura no país desde a década anterior. Elas entendem a separação do arquiteto do engenheiro, assim como dos mestres de obras e profissionais licenciados, e analisam como essa dicotomia pode ter influenciado na disseminação do conhecimento arquitetônico e da arquitetura moderna, que em grande parte passa a conferir identidade à nova profissão.

Outra questão levantada foca-se na concepção que as autoras têm sobre o significado do termo arquitetura italiana, que dá título do livro. É justamente nesse contexto de profissionalização da arquitetura e afirmação do moderno que elas se preocupam em diferenciar as expressões “*arquitetura italiana*”, “*arquitetura de italianos*” e “*influência italiana*”.

3.1 DIFERENTES FLUXOS E PERFIS PROFISSIONAIS DOS IMIGRANTES ITALIANOS

Não é errado afirmar que o Brasil representou um dos principais destinos da imigração italiana, assim como a presença do imigrante italiano se delineou como um dos principais elementos imigratórios e constituintes da população brasileira, sobretudo a partir do último terço do século XIX. De acordo com os dados hoje disponíveis, de 1876 até 1975, os italianos que emigraram para o Brasil foram quase 1,5 milhões. Esses valores expressam a importância que o fluxo migratório entre a Itália e o Brasil assumiu para os dois países, especialmente nas últimas duas décadas do século XIX e início do século XX. Em 1891, os expatriados para o Brasil representaram 37% de toda a emigração italiana e 58% do total emigraram para as Américas; os dados mostram que em 1888, o fluxo de italianos constituía 79% de toda a imigração para o Brasil e que, no geral, entre 1870 e 1975, fosse igual a 30% de todas as entradas registradas pelo sistema estatístico no país.²

É verdade que a emigração de italianos para as Américas do Norte e do Sul não era nova. De fato, um fluxo consistente de habitantes da península já havia sido consolidado há algum tempo em direção aos Estados Unidos e Argentina, bem antes da década de 70 do século XIX. A escolha do Brasil como destino da emigração italiana tem uma tradição mais recente do que nos países mencionados, ainda que, em

2. Investigação realizada pelo Osservatorio sulla formazione e sul lavoro degli italiani all'estero Rapporto Paese “*Gli Italiani in Brasile*” em setembro 2008.

números menores, cidadãos italianos tenham começado a embarcar para este país, em grupos compostos principalmente por refugiados políticos dos movimentos revolucionários europeus de 1820-1821. Além desses exilados, acrescentaram-se italianos que cuidavam de terrenos de fazendeiros, da construção de estradas na cidade do Rio de Janeiro e que colaboraram na construção da primeira ferrovia brasileira que ligava a cidade a Petrópolis.



8. Manifesto da emigração italiana em São Paulo.

3. Arquitetos italianos em São Paulo

O primeiro grande grupo de italianos que viajou para o Brasil no final do século XIX veio do norte da Itália. Os imigrantes do norte da Itália escolheram principalmente ambientes rurais como local de trabalho, trabalhando em fazendas de café e colônias agrícolas nos estados de São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No período entre 1894 e 1907, o estado de São Paulo foi a região que conseguiu atrair o fluxo migratório mais consistente, sendo uma das regiões mais ricas com recursos adequados para subsidiar imigrantes. Assim, prevaleceram as políticas de migração, com o objetivo de introduzir força de trabalho nas fazendas de café.

Na região paulista, se os italianos não conseguissem se tornar donos das fazendas, individual ou coletivamente, dificilmente permaneceram empregados por muitos anos, decidindo abandonar o campo, retornar para seu país de origem ou seguir para ambientes urbanos em busca de melhores condições de trabalho. Em muitos casos, é verdade, os imigrantes já provinham de ambientes urbanos na pátria de origem, e, assim que chegavam ao Brasil, tentavam a sorte nas cidades, buscando emprego em indústrias ou iniciando atividades artesanais ou comerciais. No início do século XX, a cidade de São Paulo estava passando por intenso desenvolvimento e o imigrante italiano teve a oportunidade de trabalhar na indústria nascente e nas atividades urbanas. Brás, Móoca, Bexiga, Barra Funda, Bom Retiro, foram alguns dos bairros predominantemente italianos, lugares onde os imigrantes reforçavam suas relações comunitárias, reforçando laços regionais,

profissionais e familiares de origem, preservando sua língua, cultura e instituições, tal como evidenciado nas inúmeras festas dedicadas a santos padroeiros de seus lugares de origem. Entre as contribuições dos imigrantes italianos situam-se frequentemente o conhecimento de técnicas, ofícios e experiências de trabalho trazidos na bagagem, muitos dos quais inclusive reunindo capitais ou se associando a capitalistas na criação de negócios, fabriquetas, oficinas e mesmo indústrias.

No campo da construção os imigrantes italianos se inseriram como mestres-de-obras e construtores, começando própria carreira através a realização de casinhas térreas próprias ou por encomenda. As atividades se dividiram entre os mestres-de-obras que colaboraram com Ramos de Azevedo e os engenheiros-arquitetos que se ocuparam da execução das primeiras obras de infraestrutura da cidade.

Do entre-guerras até os anos do pós-Segunda Guerra, observa-se uma mudança significativa no tipo de imigração proveniente da Europa, assim como da Itália, movidos pelas forças de intolerância e opressão, os conflitos étnicos e militares. É nesse momento que se percebe um afluxo crescente de imigrantes profissionalizados e intelectualizados. Esses imigrantes intelectuais³ daquela década eram diferentes de seus antecessores, não apenas pela maior concentração

3. Termo cunhado por Laura Fermi em: FERMI, Laura. *Illustrious Immigrants, The intellectual Migration from Europe 1930-41*. Chicago: University of Chicago Press, 1968 p. 4.

“By intellectual immigrants I mean the men and women who left their homelands, fully made, so to speak, with their Ph.D.’s or diplomas from art academies of music conservatories in their pockets, and who continued to engage in intellectual pursuits in this country”.

3. Arquitetos italianos em São Paulo

de talentos intelectuais no campo artístico, acadêmico e científico, mas por sua maior facilidade em se adaptar à nova sociedade, ao mercado de trabalho e às instituições culturais, em parte graças ao auxílio de comunidades italianas locais preexistentes, em evidente processo de mobilidade social ascendente.

A vinda para o Brasil de numerosos profissionais europeus não foi um fenômeno isolado, mas se insere, portanto, no maior esquema de deslocamento em massa dessas camadas, devido à crise econômica, à guerra e ao fechamento político, cultural e produtivo em muitos dos países do velho continente. A condição frequentemente urbana, móvel e cosmopolita desses fluxos é o que viabilizará a circulação e troca internacional de ideias, produtos e profissionais, que no caso específico do meio arquitetônico brasileiro, se deu justamente através dos ingressos de profissionais experientes, técnicas construtivas, linguagens e modelos espaciais eruditos. De fato, grande parte dos profissionais ligados ao cenário da construção que chegaram naquela época em São Paulo já tinham uma significativa carreira profissional na Itália e uma preparação acadêmica obtida nas melhores universidades daquele país. É interessante observar como Salmoni e Debenedetti tendem a retratar em seu livro a chegada desses profissionais como canais de atualização estética da arquitetura produzida no Brasil:

“Alguns, a maioria, se dispersaram no meio da imensa multidão anônima; outros, conforme sua índole e seu preparo, difundiram e ensinariam o gosto, as tendências artísticas, ou as conquistas científicas do período em que

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

tinham se formado culturalmente. [...] Aos arquitetos e aos engenheiros italianos, a tarefa de difundir as tendências arquitetônicas aprendidas em sua pátria foi amplamente facilitada pela necessidade de construir.”⁴

Segundo nossas autoras, Giulio Micheli e Giuseppe Chiappori estão entre os primeiros a chegar na cidade, operando para a transformação de São Paulo entre 1900 e 1920 através da introdução do estilo floreal e da técnica construtiva do ferro e cimento. O primeiro, de origem florentina, chegou no Brasil em 1888, recém-formado em Arquitetura em Paris e com experiência de trabalho na Academia de Belas-Artes de Florença. Acompanhando a suas trajetórias em São Paulo ele teria fundado uma importante firma de arquitetura que *“teve alguma relação com a primeira arquitetura moderna surgida em São Paulo”⁵* e contribuiu *“à transformação da pequena cidade de 1900 na São Paulo de 1920, na qual já se percebe o embrião da futura metrópole”⁶*. Já Chiappori, de origem turinense, tinha formação em engenharia industrial, obtida no Politécnico de Turim, colaborando com a firma de Micheli na realização do Viaduto de Santa Ifigênia, considerado uma obra de arte e um exemplo de estrutura sabiamente calculada.

Entre os primeiros arquitetos modernistas por elas retratado, encontram-se Gregori Warchavchik e Rino Levi, nenhum dos quais

4. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 97-98.

5. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 99.

6. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 101.



9. Capa de um jornal destacando a inauguração do Viaduto Santa Ifigênia.

nascido na Itália.

“Mesmo que, então, oficialmente a arquitetura italiana estivesse atrasada em comparação a outros países, os jovens arquitetos seguiam com maior interesse o desenvolvimento das novas tendências arquitetônica e discutiam, estudavam e criticavam o novo movimento, preparando-se, eles também, para dizer seu ponto de vista. Foi naquele ambiente e naqueles anos que

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

*se formaram dois arquitetos, aos quais se deve a introdução em São Paulo dos primeiros sinais de uma renovação na arte de construir: Gregori Warchavchik e Rino Levi. Nenhum dos dois é italiano, mas ambos viveram e estudaram na Itália, e ambos afirmaram dever a seus estudos daqueles anos, não somente o preparo técnico, mas também sua profunda formação cultural.”*⁷

O primeiro, de origem ucraniana, abandonara o país muito jovem por causa da guerra e da revolução, para continuar sua formação como arquiteto em Roma, tendo sido aluno e depois assistente de Marcello Piacentini. Vem definido pelas duas autoras como “o homem que sozinho, por esforço pessoal, iniciou o movimento em prol da arquitetura moderna em São Paulo”.⁸ Chegando no Brasil com uma cultura italiana seja no campo da profissão, seja no campo histórico, onde permanecerá empregado por três anos pela Companhia Construtora de Santos onde entrará em contato com o trabalho do modernista Le Corbusier e da escola da Bauhaus.

Paralelamente à sua produção arquitetônica, é importante ressaltar sua contribuição na introdução do conceito de modernidade no ambiente cultural da época através do manifesto “*Acerca de uma arquitetura moderna*”.⁹

7. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 130.

8. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 130.

9. Em 1925, publica o texto em italiano *Futurismo?* no jornal italiano de São Paulo Il Piccolo em seguida traduzido e republicado no Correio da Manhã com o título *Acerca da Arquitetura Moderna* em novembro de 1925.

3. Arquitetos italianos em São Paulo

Rino Levi, brasileiro de origem, mudara-se para a Itália com o propósito de estudo. Formou-se primeiramente na Academia de Brera, em Milão, e em seguida na Escola Superior de Arquitetura em Roma, onde conseguiu o diploma, tendo como professores Gustavo Giovannoni e também Marcello Piacentini. Da mesma forma que Warchavchik, Levi é retratado pelas autoras como responsável *“na criação do aspecto moderno de São Paulo” os quais trabalhos “se harmonizam com as experiências e com as pesquisas da moderna escola brasileira, a fundamental substancialidade comum à escola arquitetônica italiana”*.¹⁰

Outra contudo é a geração seguinte de arquitetos apresentados em conjunto no livro. Seja Daniele Calabi, como Lina Bo Bardi e Giancarlo Piretti eram italianos de nascença e em seu país de origem vinham se alinhando às tendências de vanguarda que naquele país começaram a se tornar mais consistentes a partir do final da década de 1920, após a partida de Warchavchik e de Levi. Mais do que isso, os três pertenciam a uma geração de arquitetos não apenas bastante ativos quando da redação do livro, como pertencentes à mesma geração de imigrantes de suas autoras. O primeiro, aliás, irmão de Emma, chegara em São Paulo movido pelas perseguições raciais que passaram a impedir o exercício profissional de judeus na Itália. Formado em engenharia civil em Pádua, obteve em seguida a habilitação como arquiteto no Politécnico de Milão em 1933.

10. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 142.

As autoras definem como substancialidade o reflexo da bagagem de uma tradição secular, da cultura clássica, de um profundo e cuidadoso preparo técnico.

Exerceu a profissão de arquiteto na Itália prevalentemente na sua região de origem, o Veneto. Como testemunhado pelo Andrea Calabi¹¹ na entrevista, Daniele chega em São Paulo que já tinha contato de um primo no Brasil que aproxima ele à área da construção e engenharia na empresa construtora Segre & Racz.

Em São Paulo, sua produção arquitetônica foi ampla, abrangendo muitas tipologias e introduzindo no país um know-how teórico, construtivo e estrutural nunca visto antes por exemplo desenvolvendo “*pela primeira vez, o que será um motivo posteriormente retomado e desenvolvido: o pátio interno, [...] o átrio das casas romanas, [...] a paixão geométrica nos pórticos [...]*”¹²

Permanecendo no Brasil entre 1939 e 1948, de volta para Itália, abriu um estúdio na própria cidade natal, Pádua, levando de volta aspectos de sua atuação no Brasil.

“A experiência brasileira e a convivência com os arquitetos de São Paulo ajudaram Calabi a se libertar, em certos aspectos, da bagagem que a cultura e a tradição italiana impunham: a encontrar, com maior liberdade e maior aderência à vida, seus próprios meios de expressão.”¹³

Lina Bo Bardi formou-se em Roma e logo depois começou exercer a profissão em Milão, dedicando-se à atividade editorial. Assim como

11. Neto de Emma Debenedetti e Daniele Calabi, entrevistado em novembro 2019 (anexo 1).

12. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 151.

13. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 152.

3. Arquitetos italianos em São Paulo

a respeito de Calabi, cujos vínculos familiares permitiram acesso a informações em primeira mão, a proximidade das autoras com Lina, figura central na colônia italiana local naquele início da década de 1950, também lhes facultou farta documentação profissional e biográfica. Marcante para sua carreira ainda na Itália, como destacam as autoras, foi a co-direção da revista *Domus* e a participação na revista semanal de arquitetura *A*, com Bruno Zevi e Mario Pagano. A sua inserção no Brasil a partir de 1947, ao lado do marido Pietro Maria Bardi, fundador e primeiro diretor do MASP, além de definitiva, foi altamente relevante, à altura do livro, tendo se destacado pela trabalho junto ao Museu, como arquiteta, curadora, professora e a edição da revista *Habitat*, assim como por um conjunto de obras paradigmáticas de arquitetura e design, como as casas de moradia no Pacaembu e no Morumbi, e inúmeras cadeiras, mesas e moveis produzidas no Estúdio de Arte Palma, fundado junto com Giancarlo Palanti.

Segundo Debenedetti e Salmoni, Giancarlo Palanti teria trazido para São Paulo o eco dos últimos acontecimentos da arquitetura contemporânea italiana. Formado arquitetura no Politecnico di Milano em 1929, deixa uma Milão destruída pela guerra e se desliga do escritório fundado com Franco Albini, amigo com o qual compartilhou experiências profissionais desde o período em que eram estudantes de arquitetura no Politécnico de Milão. Quando chega no Brasil, os contatos iniciais com o ambiente profissional realizam-se com ajuda de Calabi e Lina Bo Bardi, com quem fundaria o *Estúdio de Arte Palma*, com foco na

decoreção de interiores.

É necessário ressaltar como o papel do imigrante, neste caso ítalo-paulistano e não considerando somente os profissionais dessa segunda grande onda migratória, mas também os primeiros, se tornaram mediadores entre duas culturas, abrindo o caminho a novas ideias e a uma influência cultural.

“A arquitetura paulista se encontrou assim queimando as etapas, graças ao concurso italiano; a ter executado, em um período de cinquenta anos, uma evolução que, por um caminho natural teria precisado de mais tempo. [...] Não é por mera coincidência que as primeiras experiências de uma nova estética arquitetônica foram executadas exatamente em São Paulo, o centro brasileiro mais permeado de cultura e de pensamentos italianos.”¹⁴

Os temas do deslocamento de arquitetos ou das arquiteturas de imigrantes e estrangeiros vêm sugerindo novas questões nas últimas décadas. A transferência cultural e as trocas artísticas promovidas pelos imigrantes italianos com o meio local vêm compondo não só um corpus histórico-crítico bem estabelecido, amplo e cheio de contribuições importantes, mas complexificando a compreensão das relações entre a Europa e a América do Sul. Operando em um quadro analítico e ideológico característico do pós-Segunda Guerra, no qual a imagens de modernização fortalecia a visão hierárquica entre mundo desenvolvido e não desenvolvido, primeiro e terceiro mundos, este dependente, subordinado e atrasado em relação àquele, é natural que

14. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 166.

3. Arquitetos italianos em São Paulo

as autoras compreendessem essas relações de maneira etnocêntrica. Seja como for, ao refletirem sobre a obra dos construtores italianos é notável perceber como elas foram capazes de entendê-la tanto como um acontecimento de significação artística e técnica, de realização individual e autoral, como um fenômeno histórico e social ligado à imigração, à urbanização e à internacionalização. Do ponto de vista construtivo, arquitetos e mestres de obras italianos teriam ensinado os paulistas uma técnica das construções bastante experimentada e famosa há séculos no mundo inteiro como fizeram os mesmos Micheli, Chiappori e Bianchi, com formação de engenheiros, introduzindo e ensinando as novas formas do estilo floreal e as técnicas construtivas do ferro e do cimento, *“preparando o terreno para o despontar da arquitetura moderna.”*¹⁵

15. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 166.

3.2 ESTRANGEIROS NO MEIO LOCAL

Para entender completamente as influências do imigrante na cultura local, o envolvimento dele na construção civil e na urbanização, as possibilidades do mercado do trabalho e a facilidade ou não da inserção do arquiteto nesse último, é necessário ter uma visão completa da evolução da prática profissional do arquiteto no Brasil e especificamente São Paulo.

No livro há uma ideia de evolução da prática arquitetônica exercida pelo imigrante italiano ao longo do tempo. Certamente devido também à diferenciação das duas ondas migratórias analisadas anteriormente, no livro, as duas autoras, ao tratarem do papel do migrante, identificam a presença de três estatutos profissionais: o de mestre-de-obras, do engenheiro mais especificamente engenheiro-arquiteto e, finalmente, o do arquiteto. Não é por acaso que essas três figuras coincidem exatamente com o desenvolvimento do processo de profissionalização no país no período entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

O maior estudo realizado sobre essa temática em São Paulo foi produzido pela arquiteta Sylvia Ficher com a tese de doutorado, que resultou no livro *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*.¹⁶ A escolha metodológica recaiu no estudo de serviços profissionais, como o mercado de trabalho e a regulamentação legal, fazendo da

16. FICHER, Sylvia; *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. Fapesp e Edusp, São Paulo, 2005.

3. Arquitetos italianos em São Paulo

pesquisa um contraponto entre a formação institucional e a atividade do arquiteto na cidade de São Paulo na primeira metade do século passado. Dividido em três capítulos, *“A consolidação do mercado de trabalho 1894-1917”*, *“A associação profissional 1916-1933”* e *“A divisão da profissão 1934-1947”*, a pesquisa destacou plenamente esta grande relação entre as necessidades do mercado de trabalho local e a contínua evolução e enriquecimento da profissão do arquiteto. O primeiro período, de 1894 a 1917, coincide com o crescimento econômico e espacial de São Paulo, que dão inicialmente origem à formação das primeiras construtoras independentes. O crescimento da capital do estado, a industrialização e o crescimento populacional exigiram uma modernização organizacional, equipamentos urbanos, além de expansão física, através da implantação de novos bairros e da necessidade de novas construções.

No segundo período, de 1916 até 1933, ela discute o estabelecimento de associações profissionais na cidade, como o Instituto de Engenharia, e, ainda mais fundamental para a compreensão da formação profissional, a relação com o mercado, que viu o aumento da demanda através da execução de obras públicas e construção de grandes edifícios públicos. Começam a aparecer também algumas importantes obras particulares e a apresentação de algumas propostas urbanas e arquitetônicas para São Paulo. Por último, no período de 1934 a 1947, observa-se a expansão do campo de trabalho local, quando surge, com base na criação do CREA em 1933, as primeiras discussões sobre a necessidade de

um papel específico dos arquitetos distinto do dos engenheiros. Isso leva os arquitetos a procurarem definir-se independentemente e a gestarem as primeiras escolas exclusivamente dedicadas ao ensino de arquitetura, como a Faculdade de Arquitetura do Instituto Mackenzie em 1947 e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1948, levando à divisão do espaço de formação e, por consequência, da profissão.

Essa cronologia da formação especializada é diversa no livro de Debenedetti e Salmoni, até porque, desde os anos 1920 na Itália a formação dos arquitetos estabeleceu-se fora das academias de belas artes, ainda que por alguns anos continuasse a rivalizar com a dos engenheiros pelo mercado profissional. Vindo, portanto, de uma outra realidade de formação e atuação, os profissionais por elas estudados se inseriam de modo distinto dos engenheiros-arquitetos formados localmente ainda nas escolas de engenharia.

As duas autoras dedicam um capítulo inteiro do livro ao papel do mestre-de-obras italiano, como fundamental no crescimento inicial e expansão da cidade de São Paulo no final do século XIX. Por meio de uma pesquisa realizada no Arquivo Histórico, folheando os volumes da coleção “Obras Particulares”, elas encontram uma grande quantidade de autorizações para construção ou reforma de edifícios de uso privado na área do perímetro urbano de São Paulo. Na maioria dos casos, o nome do construtor não era indicado ou os desenhos do projeto não estavam presentes, mas, quando presentes, havia

3. Arquitetos italianos em São Paulo

principalmente nomes de imigrantes italianos. A presença dessas casas unifamiliares que os imigrantes construíram chegando em São Paulo, é um grande testemunho do espírito e da adaptabilidade que os italianos colocam em prática para começar uma nova vida.

O ritmo das construções começava a aumentar com o passar dos anos e os nomes começavam a aparecer nos registros de edificação de casas sob encomenda, semelhante aos modelos que eles mesmos haviam introduzido. Assim, segundo as autoras, teriam começado a surgir figuras de pequenos profissionais, como pedreiros e mestres-de-obras, ao lado dos operários tradicionais. Com as sucessivas levas de imigrantes e a expansão da cidade, teriam aumentado o número de construtores e o sucesso de pequenos profissionais. Nos mesmos volumes que as autoras analisaram, alguns imigrantes italianos, ao longo dos anos, passam a ser designados de modo diferente, passando de mestres de obras a construtores e, finalmente, a arquitetos. O que verificam é que, em poucos anos, as permissões de construção assinadas por italianos representam mais de dois terços do total presente nos livros, e cada vez mais as famílias tradicionais paulistas recorrem a esses mestres-de-obras para trabalharem para elas. Em poucos anos, mestres e pedreiros italianos povoam de casas quilômetros de ruas, formando novos bairros da cidade com caráter unitário nas áreas de Vila Buarque, Higienópolis, Campos Elíseos, Bom Retiro e Brás. As casas, todas semelhantes e parecendo produzidas com uma mesma matriz, constituem um documento importante para a instalação do

estilo neoclássico em São Paulo. Ignorando a complexidade e as diferentes modulações do neoclássico adotado na Itália, os mestres adaptaram as próprias construções as teorias do Vignola, criando um formulário elementar de inspiração clássica.

Tais achados, portanto, antecipam em quase duas décadas observações similares contidas em livros como *Quadro da Arquitetura no Brasil*, de Nestor Goulart Reis, e *Alvenaria Burguesa*, de Carlos Lemos, que preparam o terreno para o florescimento a partir dos anos 1980 de estudos monográficos mais cuidadosos sobre a difusão do ecletismo e de outros estilos decorativos na arquitetura urbana, os construtores licenciados, a presença de mestres italianos na cidade, a construção de casas em séries em bairros operários ou em subúrbios da cidade, entre outros temas.

O fato é que, difundido pelos italianos, o gosto foi logo abundantemente adotado por empreiteiros locais, fazendo do livro do Vignola “*Cinco Ordens da Arquitetura*”, um dos livros de mais ampla circulação no período.

O fenômeno das casinhas, como elas bem assinalam, teria representado na época a solução do problema de habitação para as imensas massas de operários, adotado enquanto o desenvolvimento horizontal não apresentava ainda nenhum inconveniente. Apesar das numerosas diferenças, essa manifestação teria representado, em seu entender, uma “*transplantação*”¹⁷ do sistema urbanístico aparecido na Europa.

17. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 73.

3. Arquitetos italianos em São Paulo

No início de 1900, além da multidão de mestres-de-obras, emergiram as primeiras empresas construtoras e uma presença mais robusta dos engenheiros-arquitetos formados localmente, os quais executaram trabalhos maiores. Nesta época, São Paulo estava ampliando continuamente sua área e exigia uma organização urbanística mais complexa do que os bairros residenciais edificados pelos mestres-de-obras. É neste cenário que se afirma em São Paulo a figura de Ramos de Azevedo, à frente de uma empresa construtora que se impôs na história da arquitetura local. Este evento torna-se importante no livro, na medida em que a contratação de arquitetos e artistas italianos foram de notável relevância na produção do estúdio. Por outro lado, o Liceu de Artes e Ofícios, dirigido por Ramos de Azevedo, tornara-se um importante centro de difusão de artes e ofícios italianos, naquela que na época era a maior comunidade de artistas.

A mão de obra italiana inicialmente restringira-se a trabalhos menores ou especificamente práticos, mas em seguida, também passaria assumir obras de construção civil, justamente em um momento no qual o papel das empresas de construção italianas na cidade começava a aumentar. Entre as várias obras então executadas, constam aquelas encomendadas à empresa *Pucci e Micheli*. Luigi Pucci foi quem venceu o concurso para a execução do projeto do Museu do Ipiranga do compatriota Tommaso Bezzi. O nome de Pucci se liga ao do arquiteto florentino Giulio Micheli, que se tornou seu parceiro, criando uma empresa que teve grande sucesso na cidade na virada do século, mais do que qualquer

outra. A empresa de construção colaborou com a seção municipal de engenharia para realizar obras de reforma e pavimentação em algumas ruas centrais de São Paulo e através de estudos para realização de um plano urbanístico que ia ampliar o centro da cidade.

Observa-se, portanto, uma crescente inserção desses profissionais estrangeiros no mercado de trabalho, nas instituições e mesmo em parcerias e contratos com os profissionais nativos. Foi no Liceu, inclusive, que começaram aparecer as primeiras figuras de imigrantes italianos já formados que viraram professores. Entre outros, Domiziano Rossi, formado em arquitetura em Gênova, assumiria, por outro lado, a cátedra de desenho na Escola Politécnica de São Paulo, e lecionou Desenho Geométrico e Ornato no Liceu. Este exemplo é a representação de uma transposição de um modelo acadêmico italiano apto para preparar uma eficiente mão de obra para a cidade industrial em pleno desenvolvimento, mas também de um crescente prestígio dos imigrantes no meio profissional ou, ao menos, do estabelecimento destacado de alguns indivíduos e empresas de origem italiana no mercado de construções. Os numerosos escultores e decoradores italianos que lecionaram no Liceu, tiveram um papel importante nas obras criadas no estúdio do Ramos de Azevedo, enquanto este último indicava em linhas muito gerais o esquema dos edifícios e deixava aos colaboradores o encargo de desenvolver e executar as decorações. A controvérsia surgiu quando, quem participou ativamente no estúdio, não viu seu nome entre os contribuintes ou mesmo marcado como

3. Arquitetos italianos em São Paulo

colaborador.

A subsequente onda de imigrantes, no começo do século XX, como Warchavchik, Levi e Calabi, teria sido, segundo as autoras, ainda mais influente para a difusão e ensino do gosto, de tendências artísticas e conquistas científicas do período em que foram formados, assumindo posições de vanguarda nos vários campos de interesse. Para os arquitetos e os engenheiros italianos chegados em São Paulo naquela época difundir as tendências arquitetônicas aprendidas em seu país teria sido facilitado pela necessidade de construir.

No cenário de uma cidade com uma excepcional força de renovação, mas ainda sem um verdadeiro plano de expansão, as habilidades dos engenheiros italianos emergentes, as experiências anteriores e sua organização administrativa teriam começado a ser valorizadas. Eles teriam conseguido ser notados pelos diretores da Seção Municipal de Engenharia, os quais lhes confiaram trabalhos inclusive de arranjo, projetos e planos urbanísticos.

As empresas de construção italianas dedicaram-se principalmente à construção de edifícios destinados a residências ou escritórios com a introdução de uma verticalidade acentuada. *“A difusão do uso de estruturas metálicas e do cimento, que substituíram a pedra e o tijolo, teria provocado a modificação do sistema de construção e uma cisão entre a figura do engenheiro e do arquiteto. O primeiro, bem preparado com um profundo conhecimento de cálculos complexos e de resistência dos novos materiais”*¹⁸, segundo elas, teria dado início

18. DEBENEDETTI; SALMONI, 1981, p. 106.

naquela que foi definida a era da mecânica no campo das construções; ao contrário, o arquiteto continuaria a acreditar no equívoco dos valores arquitetônicos dos edifícios associados à superestrutura da decoração. É evidente a sua inspiração aqui nos manuais de arquitetura moderna, como os de Giedion ou Zevi, que desde a década anterior vinham difundindo o divórcio entre engenharia e arquitetura como raiz do atraso da arquitetura de estilos, e sua reconciliação no início do século XX como uma das bases formativas da arquitetura moderna. Os engenheiros lidavam com a construção de importantes infraestruturas da cidade, como viadutos e redes de transporte público, enquanto os arquitetos se espalhavam por São Paulo ou estilo floral, pretendidos, no entanto, como arte decorativa.

Até as primeiras duas décadas do século XX as construções surgidas em São Paulo tiveram influência de uma arquitetura que foi expressão plástica de um período histórico que teve seu máximo centro de difusão na Itália, sendo definida como “italiana”. Com o aparecimento da arquitetura moderna, a referência à arquitetura de arquitetos italianos, ou educados na Itália, não é mais feito com o atributo “italiana”, mas com a definição de “arquitetura de italianos”. Não se trataria mais de uma linguagem arquitetônica italiana, mas de uma linguagem arquitetônica comum a todos os países e, neste caso, expressa por italianos.

3.3 AMBIENTE SOCIAL, PATRIARCAL, A PRESENÇA DAS MULHERES

Entre os muitos aspectos de análise tratados até agora, há um que as autoras nunca abordam explicitamente no livro, mas que em uma escala muito mais ampla as preocupa diretamente. Trata-se do envolvimento das mulheres no processo de crescimento do ambiente sociocultural paulistano, e nos círculos literários aos quais os próprios italianos muitas vezes deram origem.

O período entre o final do século XIX e o início XX pode ser definido como o início de uma fase de mudança respeito ao pensamento e comportamento em relação às mulheres. Começaram a surgir os primeiros trabalhos, novos hábitos e trajetórias profissionais que viam a inserção da figura feminina no campo cultural, nas universidades e nas instituições públicas e privadas.

Em um ambiente tradicionalmente masculino, a dimensão do ser mulher inclui as dificuldades de adentrar e permanecer, mas com essas mudanças de pensamento e comportamento começam ter próprio espaço e possibilidade de expressar as próprias ideias. Somente a partir do final do século XIX, as mulheres brasileiras adquirem o direito de ingressar no ensino superior e começam a aumentar a sua presença naquelas carreiras tidas como mais “*tradicionais*” apenas a partir dos anos 40.



10. Lina Bo Bardi no canteiro de obras.

No campo das artes e da arquitetura no Brasil, quando se pensa a partir do ponto de vista feminista, colocam-se figuras como Carmen Portinho no Rio de Janeiro, terceira mulher formada na Faculdade de Engenharia Civil, Lina Bo Bardi e Tarsila do Amaral em São Paulo, a considerar como precursoras dos movimentos femininos.

Lina Bo Bardi é de fato a única figura feminina presente em todo o livro, mas nunca está associada a pertencer ao gênero feminino, o termo mulher ou qualquer outro sinônimo nunca é usado e, portanto, considerado exatamente como os outros homens profissionais.

As mesmas Anita e Emma se enquadram nessa categoria discutida anteriormente de migrantes intelectuais e são representadas por esse fenômeno de emancipação feminina no local de trabalho e no contexto sócio-cultural. Essa condição não afeta apenas seu status no Brasil, mas decorre do ambiente familiar em que cresceram. Ambas são duas mulheres formadas em reconhecidas universidades italianas

3. Arquitetos italianos em São Paulo

e provenientes de famílias que são educadas e bem integradas à sociedade.

Como lembra Adriana Calabi¹⁹ na entrevista, fazia parte uma mulher ser diligente, saber conviver com a sociedade, ter conhecimentos, saber conversar, quase como se fosse uma forma de educação que a família dava. O avô sempre falava por ela “*Sei una vera donna Calabi*”²⁰ quando era determinada ou assertiva.

Como evidência dessas novas figuras femininas fortes, são relevantes alguns episódios contados pela filha de Emma, Annarosa, que se lembra dela como uma mulher extremamente independente e livre desde tenra idade, quando viajava diariamente sozinha de trem para chegar à universidade em Milão e se lembrar dela vestindo calças para praticar esportes tipicamente masculinos. Todos os episódios que parecem pertencer à normalidade em nossos dias, mas certamente revolucionários se aplicados a um contexto de setenta anos atrás.

Em São Paulo tinha diferentes grupos e Emma sempre teve uma presença marcada por sua cultura, formação e círculo de amizade de artistas. Anita relativamente menos e começou a carreira dela aqui no Brasil. Tinha então estes cenários de fundo onde as duas estavam inseridas, cercadas de referências de diversas disciplinas e membros de uma comunidade científica.

O único documento em que as duas mulheres contam sua experiência

19. Filha de Andrea Calabi, neto de Emma Debenedetti, ambos entrevistados em novembro 2019 (anexo 1).

20. Trad. *Você é uma verdadeira mulher Calabi.*

direta com a pesquisa e o ambiente cultural paulista está no texto “Anna entre duas culturas”. Em alguns capítulos deste último, eles relatam a dinâmica criada na família durante a redação de seu livro. Em particular, a preocupação das duas mulheres era cuidar de seus filhos e em casa com o medo de não poder dedicar tempo suficiente para isso. Dar importância é uma frase do marido de Anita, Renato:

*“Non voglio, d'altra parte, che i bambini di assorbano completamente. Ho sposato una ragazza intelligente, curiosa di tutto, anche dei guai del mondo, e aperta ad ogni interesse, non una semplice cri-cri.”*²¹

Uma experiência diferente foi a de Yan de Almeida Prado, personagem da aristocracia paulista que as duas autoras decidiram de contatar sob conselho do diretor do Arquivo Municipal. A dificuldade em seguir este conselho foi o temperamento machista do homem que “*detestava la presenza femminile*”²²

Ele adorava ter convidados em casa, reunindo os melhores intelectuais paulistas, ouvindo as experiências dos estrangeiros, mas sempre e apenas interagindo com personalidades masculinas. Elas tiveram que usar todas as próprias habilidades para serem bem-vindos pelo homem.

21. DEBENEDETTI, Emma, SALMONI, Anita. Anna tra due culture. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1965, p. 87. “*Por outro lado, não quero que as crianças te absorvam completamente. Casei com uma mulher inteligente, curiosa sobretudo dos problemas do mundo, e aberta a qualquer interesse, não apenas uma simples cri-cri*”.

22. DEBENEDETTI, Emma, SALMONI, Anita. op.cit., pag. 90.
Trad. *ele detestava a presença feminina*.

3. Arquitetos italianos em São Paulo

De fato, o convite oficial não foi feito para as duas mulheres, mas para seus maridos, ambos homens altamente educados em vários campos. Com suas curiosidades, Anita e Emma conquistaram o Sr. Prado, que ficou fascinado pela pesquisa, disponibilizando todo o arquivo pessoal e convidando as mulheres para sua casa para outras reuniões. Este episódio é uma demonstração de como as duas autoras nunca se deixam intimidar pelo ambiente machista em que viviam, mas sim como sempre provaram estar à altura das pessoas ao redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de duplo diploma é o encontro entre duas culturas, dois países e duas línguas. Através deste trabalho, tentei resumir tudo o que aprendi e observei durante meu ano e meio morando em São Paulo e visitando o Brasil; percebendo o quanto Itália e Brasil ainda tem muito que compartilhar hoje em dia, mas ao mesmo tempo a compreensão de duas culturas que marcaram minha formação como arquiteta e urbanista, meu futuro, e um estímulo interessante para discussão nas duas faculdades onde vou me formar.

Tudo o que aprendi nos últimos seis anos da minha carreira universitária sempre foi motivado pela curiosidade de entender o que me rodeia. Chegar ao outro lado do hemisfério terrestre, em uma das maiores cidades do mundo, sem saber falar o idioma, confusa e assustada por uma cidade com uma realidade tão diferente daquela em que sempre me habituei. A partir dessa identificação em primeira mão de mim mesma como estrangeira, imigrante no Brasil, a pesquisa se torna mais importante.

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

Interessada em entender as razões do relacionamento entre os dois países, foi possível explorar a história da cidade por um longo período de tempo, indo até hoje; compreender como e quem influenciou fortemente o ambiente cultural, deu origem a momentos e construiu os símbolos mais importantes da cidade. A leitura do livro permitiu continuar a discussão de numerosas questões, enfrentar diferentes métodos de pesquisa, consultar fontes primárias e interagir com os protagonistas diretos da história contada.

Conhecer a família Calabi e perceber seu próprio interesse no projeto que eu estava realizando; entender as inúmeras dinâmicas sociais desencadeadas por fenômenos migratórios; perceber a emancipação de duas mulheres que criaram uma obra para ser considerada pioneira da historiografia produzida até o momento.

Dado meu retorno à Itália e o retorno iminente de condições favoráveis para continuar a pesquisa, espero que nos próximos meses seja possível continuar o trabalho aprofundando o aspecto dessa estreita relação de um ponto de vista mais “italiano”, para que eu possa concluir o trabalho com maior abrangência.

De fato, o caminho terminou tristemente com meu retorno forçado à Itália devido à disseminação da pandemia, que inevitavelmente dificultou o acesso à consulta de muito material.

Saí de São Paulo com uma maior consciência da realidade, com uma

formação cultural certamente muito mais ampla e que terá grande influência no meu futuro, esperando que essa experiência não se limite aos dois anos que passaram.

Este trabalho representa o ponto de chegada de uma experiência de dois anos que me deu a oportunidade de orgulhar-me de conhecer um lugar do outro lado do mundo que eu imediatamente me senti em casa, onde me senti sempre bem-vinda, tentando de compartilhar isso com aqueles que estão ao meu redor.

BIBLIOGRAFIA

BONATO, Deborah. *L'immigrazione e l'imprenditoria italiana in Brasile ieri e oggi*. 2013. Tese (Laurea magistrale em International Relations) - Facoltà di Scienze Politiche, Università Ca' Foscari Venezia, 2012/2013. Disponível em: <http://dspace.unive.it/bitstream/handle/10579/3773/824302-1173853.pdf?sequence=2>

BONFADINI, Paola. Frammenti di memorie lontane: Emma Calabi: storica dell'arte a Brescia e a San Paolo del Brasile. *Commentari dell'ateneo di Brescia, Atti della Fondazione Ugo da Como*, Geroldi, Brescia, 2015. Disponível em: <https://www.ateneo.brescia.it/controlpanel/uploads/commentari-2008/CAB2010.pdf>

DEBENEDETTI, Emma, SALMONI, Anita. *Architettura italiana a San Paolo*. São Paulo Instituto Culturale Italo-Brasiliano di San Paolo: Indústria Gráfica Brasileira, 1953.

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

_____. *Arquitetura italiana em São Paulo*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1962.

_____. *Anna tra due culture*. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1965.

_____. *Arquitetura Italiana em São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

DE RUGGIERO, Antonio. *Emigranti toscani nel Brasile meridionale. 1875-1914*. Tese (Doutorado em Studi Storici Per l'Età Moderna e Contemporanea) - Facoltà di Studi Storici per l'Età Moderna e Contemporanea, Università degli studi di Firenze, 2008/2010. Disponível em: <https://flore.unifi.it/retrieve/handle/2158/557493/16589/de%20ruggiero%20:xiii.pdf>

FALBEL, Anat. Arquitetos imigrantes no Brasil: uma questão historiográfica, *DOCOMOMO Journal*, Niterói v. 34, p. 58-65, 2006. Disponível em: <https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Anat-Falbel.pdf>

FERMI, Laura. *Illustrious Immigrants, The intellectual Migration from Europe 1930-41*. Chicago: University of Chicago Press, 1968. Disponível em:

<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.63845>

FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Fapesp e Edusp, 2005.

GIEDION, Sigfried. *Spazio, Tempo ed Architettura. Lo sviluppo di una nuova tradizione*. Milão: Ulrico Hoepli Editore, 1995.

GOODWIN, Philip Lippincott. *Brazil Builds: architecture new and old, 1652-1942*. New York, The Museum of Modern Art, 1943.

Disponível em: https://assets.moma.org/documents/moma_catalogue_2304_300061982.pdf?ga=2.141718907.895764495.1594288406-1531844585.1594288406

LANNA, Ana Lúcia Duarte, PEIXOTO, Fernanda Arêas; LIRA, José Tavares Correia de; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

LIRA, José Tavares Correia de. Ruptura e construção: Gregori Warchavchik, 1917-1927. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 78, p. 145-167, July 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000200013&lng=en&nrm=iso

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

LIRA, J. T. C.; MELLO, J; NASCIMENTO, F.B.; RUBINO, S.; FONTENELE, S. Seminario domesticidade, genero e memoria. *Revista CPC*, São Paulo, n. 24, 2 p.181-193. semestre 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4414626/mod_resource/content/1/texto%208_NASCIMENTO.pdf

MARQUES, Eliana de Azevedo. Serviço de Biblioteca e Informação da FAUUSP. *Pós*, São Paulo, n.20, p.226-238, dez. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274527198_Servico_de_biblioteca_e_informacao_da_FAUUSP

MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo, o Empresário e a Empresa: Estudo de Sociologia do Desenvolvimento*, 2a edição, São Paulo: Hucitec 1973.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI (Italia); *Osservatorio sulla formazione e sul lavoro degli italiani all'estero Rapporto Paese "Gli Italiani in Brasile"*, Roma: Ministero degli affari esteri, set 2008. Disponível em: https://www.esteri.it/mae/doc_osservatorio/rapporto%20paese%20brasile.pdf

ONO Rosaria, DUARTE Denise, PALLAMIN Vera Maria (coord.). *AUT 50 anos (1964-2014): uma reflexão sobre o passado e o presente para uma visão do futuro*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,

Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/arquivos/departamentos/tecnologia/livro/AUT%2050%20anos%20-%201964-2014%20Uma%20reflex%C3%A3o%20sobre%20o%20passado%20e%20o%20presente%20para%20uma%20vis%C3%A3o%20do%20futuro.pdf>

PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. *Italianizante: a arquitetura no período de 1880 a 1914 na cidade de São Paulo*. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

PELICIARI ROCHA, Ilana. *Imigração internacional em São Paulo: retorno e reemigração, 1890 - 1920*. Tese (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-24102007-145107/pt-br.php>

RIBEIRO COSTA, Eunice, DE CASTILHO, Maria Stella; *Índice de arquitetura brasileira, 1950-70*, São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1974. Disponível em: <https://bibfauusp.files.wordpress.com/2014/07/c3adndice-de-arquitetura-brasileira-1950-1970.pdf>

SACHEVERELE, Stiwell. *The Brazilian Style*. The Architectural

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

Review, Londres, ano 48, p. 64-77, mar.1944.

SANTOS, Luciene Ribeiro dos. *Os professores de projeto da FAU-USP (1948-2018): esboços para a construção de um centro de memória*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-18092018-163855/en.php>

SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 13, 2019, Salvador da Bahia. Fernandes Da Silva, Fernanda. *Arquitetos italianos na arquitetura moderna em São Paulo*. Universidade Federal da Bahia, 2019. Tema: *confluências culturais*. Disponível em: <https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2020/04/110552.pdf>

ZEVI, Bruno. *Storia dell'Architettura Moderna. Volume I. Da William Morris ad Alvar Aalto: la ricerca spazio-temporale*. Turim: Einaudi, 2001.

_____. *Storia dell'Architettura Moderna. Volume II. Da Frank Lloyd Wright a Frank O. Gehry*. Turim: Einaudi, 2001.

_____. *Saper vedere l'architettura. Saggio sull'interpretazione spaziale dell'architettura*. Turim: Einaudi, 2009.

SITOGRAFIA

https://www.researchgate.net/publication/322612572_Noticario

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142007000100002&script=sci_arttext

<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/12/globo-reporter-conta-historias-dos-140-anos-de-imigracao-italiana.html>

https://iicsanpaolo.esteri.it/iic_sanpaolo/pt

<https://www.architectural-reviev.com/essays/building-brazil-from-the-cariocas-to-the-paulistas-to-the-now/10044665.article>

<https://eusp.org/en/news/what-is-cultural-transfer>

<https://13docomomobrasil.ufba.br/programacao>

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

<https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Roma/pt-br/file/2425-2%20CULTURA%20BRASILIANA%20Rivista.pdf>

<file:///Users/utente/Downloads/00Introduction.pdf>

<https://www.itaucultural.org.br/acropole-habitat-e-modulo-as-primeiras-revistas-de-arquitetura-do-brasil>

<http://www.acropole.fau.usp.br>

<http://dedalus.usp.br/F>

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-27112009-103229/publico/planilha_1.pdf

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-27112009-103229/publico/planilha_2.pdf

<https://www.icib.org.br/institucional>

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/10.110/3581>

<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2018/06/11/O-fluxo-de-imigra%C3%A7%C3%A3o-ao-Brasil-desde-a-chegada-dos-portugueses>

<https://sites.google.com/site/lucappellano/meu-livro---nos-dedelos-da-memoria-ao-encontro-de-dois-enigmas>

https://issuu.com/murosdear_wallsofair/docs/16a-mia_catalogo_eng_low_completo

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/estatisticas.php>

LISTA DE IMAGENS

1. Artigo do Correio da Manhã. 13 de junho de 1951. Acervo Hemeroteca digital brasileira.
2. Architettura italiana a San Paolo. Edição 1953. Acervo FAUUSP.
3. Arquitetura italiana em São Paulo. Edição 1981. Imagem da autora.
4. Índice de Arquitetura Brasileira 1950/70. Acervo FAUUSP.
5. Anita Salmoni. Foto do cartão da universidade.
http://www.unipd-org.it/ivsrec/documents/Giulia%20Simone_Gli%20studi%20di%20Ada%20Levi%20%282%29.pdf
6. Emma Debenedetti. Foto da formatura de 1933. Imagem fornecida por Annarosa Debenedetti.

Arquitetura, uma história, duas autoras italianas em São Paulo nos anos 1950

7. Emma Debenedetti. Ficha consular de imigração.

https://www.myheritage.it/names/emma_debenedetti

8. Manifesto da emigração italiana em São Paulo.

https://it.wikipedia.org/wiki/Emigrazione_italiana#/media/File:Manifesto_Emigrazione_San_Paolo_Brasile.jpg

9. Capa de um jornal destacando a inauguração do Viaduto Santa Ifigênia.

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/07/26/viaduto-santa-ifigenia-faz-106-anos-com-problemas-de-conservacao-e-rachaduras.ghtml>

10. Lina Bo Bardi no canteiro de obras.

<https://www.architempore.com/architetta-lina-bo-bardi/>

Imagem da capa. Imagem da autora

anexos

material complementar à pesquisa

1

ENTREVISTA COM ANDREA CALABI E SUA FILHA ADRIANA

São Paulo, 23 de novembro 2019

A entrevista ocorreu no sábado, 23 de novembro, em uma das três casas construídas por Daniele Calabi no Pacaembu, a única ainda de propriedade da família.

A entrevista envolveu Andrea Calabi, filho de Fábio Calabi, irmão gêmeo de Emma Calabi Debenedetti, autora do livro, e Adriana Calabi, filha de Andrea.

A conversa começa buscando informações sobre as origens da família, a chegada dos antenados no Brasil e a relação que está tem ainda com a família.

Fábio Calabi e os irmãos chegaram no Brasil em 1940 por causa das leis raciais de 1938. Daniele Calabi, irmão mais velho, chegou antes porque tinha contato com um primo, Silvio Segre, estudante de economia da Universidade Bocconi em Milão, que ganhou uma bolsa para estudar no Brasil. Ele conhecia profissionais da área da construção e da engenharia na empresa Racz, onde Daniele começou sua experiência construtiva brasileira.

A parte restante da família mudou-se para Brasil depois, fugindo das perseguições do final da guerra. Andrea conta que uma das irmãs do seu avô foi presa pelos nazistas e deportada em Auschwitz, onde morreu. Os pais da família eram Emílio Calabi e Laura Segre que tiveram 5 filhos: o mais velho Daniele, os gêmeos Emma e Fábio, Ulderico e Lívia. Depois da guerra Daniele voltou para Itália onde continuou sua atividade de arquiteto, primeiro em Padova e logo depois em Veneza onde conseguiu uma cátedra. A filha dele, Donatella Calabi, trabalha até hoje na área da arquitetura no IUAV de Veneza lecionando.

Emma e Fábio começaram estabelecer raízes em São Paulo. A casa onde nós fizemos a entrevista foi construída em 1944/45 e Andrea mudou aqui em 1946 com um ano de idade. Ao lado esquerdo tinha já a casa onde a tia Emma morava, casada com Emílio Debenedetti, enquanto a casa na direita era de propriedade de Giuseppe Sado, companheiro de faculdade de Fábio Calabi que se casou com Anna, uma prima da mãe de Andrea.

Eles viviam em uma atitude de Brasil de incorporação e aceitação. Andrea conta que o pai sempre teve a visão que a Itália *“tratou-o ele mal”*. Eles se sentiam bem integrados na Itália, apesar de ser judeus, muito mais do que os judeus no resto da Europa. Eles se consideravam mais italianos do que judeus, e a pátria Itália o tratou mal, ao contrário do que o Brasil onde eles se sentiram sempre os bem-vindos.

Falando sobre Emma Calabi, Andrea conta das tragédias que ela

enfrentou nos anos de permanência em São Paulo, que forçaram ela voltar para Itália em 1958. O filho mais velho Enrico, chamado Titti, foi vítima de um acidente com 17 anos; vindo do Instituto Dante Alighieri para casa com a sua bicicleta motorizada, foi atropelado na esquina entre a av. Pacaembu e a rua Itabaquara, que Andrea me mostra da janela da casa. Ele foi operado, mas, por causa de sérios problemas no cérebro, faleceu seis meses depois. Este evento foi muito traumatizante por Emma e ela uma certa hora, não aguentando mais esta tristeza, decidiu de voltar para Itália. Voltaram para Milão e ela continuou a vida trabalhando nas escolas hebraicas da cidade dando aula de italiano e história da arte.

Ela teve outros dois filhos: Annarosa, chamada Ina, que até hoje mora em Milão, e Salvatore, muito ativo politicamente e membro do PSIUP, Partito Socialista Italiano di Unità Proletaria. Ele também morreu prematuramente em um acidente de carro com a esposa.

No final da sua vida, Emma morou numa residência hebraica. Andrea tem lembranças de algumas visitas que ele fez á sua tia e recorda dela decepcionada falando *“como posso acreditar em um deus tão ruim que tinbame causado tanta tristeza e sofrimento”*.

Voltando a falar da família, Andrea lembra da tia Livia, a irmã mais jovem, uma mulher muito brilhante, formada na Università Bocconi, tenista de nível semi-profissional que jogava no Clube Paulista, que morreu jovem por causa de uma insolação.

Emma e Emílio voltaram para Itália e venderam a casa, igual aquela onde nós estávamos, que foi acrescentada pelos novos usuários com uma piscina, tomando inspiração da terceira casa a direita. As três casas têm a característica de ser invertidas. Como mostrado por Andrea no tour do térreo da casa, invés de ter a frente como área nobre com sala e quartos, foram colocadas aqui a cozinha e a lavanderia, para deixar a parte restante da casa com vista panorâmica sobre o vale do Pacaembu, que ele lembra muito mais vazia do que hoje, com somente uma meia dúzia de casas na frente. Além de isso tem um grande aproveitamento do terreno com grande declividade.

Para explicar a participação e inclusão de Emma no ambiente artístico paulista, Andrea lembra de uma última discussão entre Emma e a filha Ana Rosa sobre uma pintura de Tarsila do Amaral que Ana vendeu para um comprador de arte por um preço muito alto.

Aqui Andrea conta um pouco da parte da família dele. Do pai, Fábio, formado primeiro em economia na Università Bocconi e depois em administração na Fundação Getúlio Vargas. Andrea escolheu seguir a carreira do pai, formado em economia na Universidade de São Paulo com Master e PhD em Berkeley.

Em seguida nós discutimos sobre o dia, dia da família Calabi. Andrea lembra o dia dia da sua infância como tipicamente de casa,

com todos os primos estudando no Dante Alighieri e memórias da mãe e de Emma dirigindo, vindo levar e trazer da escola os meninos de manhã e de tarde. Falando sobre os almoços e as merendas feitas todos juntos, ele lembra de um caderno de receitas trazido no Brasil por Emma e Lívia, que deixou ele muito surpreendido e impressionado porque considerado por elas como um tesouro, um conhecimento que não podia ser abandonado atrás. Na hora de ter achado este caderno Andrea questionou-se: *“o que uma judia, uma mulher, traz como bem precioso na sua vinda ao Brasil? As receitas, o livro de receitas.”*

Lembra depois do avô, Emílio Calabi, engenheiro que trabalhava na empresa Ferrovie dello Stato¹ na Itália como capostazione² em Brescia e das peripécias da qual foi vítima durante as perseguições através de controles muito restritivos das transições que ele administrava. Lembra de nonno³ Emílio como um homem sempre muito elegante, vestido com calça, gilet, terno e dois correntinhas de ouro uma por cada lado do peito, na esquerda um relógio e do lado direito um canivete. Os netos gostavam de pedir *“Nonno, che ore sono?”*, ele abria a tampinha

1. Ferrovie dello Stato (trad. Estradas-de-ferro do Estado) foi fundada em 1905 e é a mais importante companhia ferroviária italiana. Empresa italiana que opera tanto no setor de transporte ferroviário quanto no setor de transporte rodoviário público e privado local.

2. É uma figura profissional, geralmente com o status de chefe da estação, que trabalha em uma estação ferroviária para dirigir o movimento de trens e / ou o movimento de manobras.

3. Trad. avô.

redonda de ouro e respondia “*Sono le 10*”⁴.

Na família então, no dia dia, tinha sempre interface com todos os membros, avós, tios e primos definindo isso como um “*dia dia de crianças, escola, cozinha, passeios, férias em Campos do Jordão ou em Guarujá*”. Lembra muito bem da interface da Emma com a Anita Salmoni nas aulas de italiano e no Instituto Cultural. Nas casas criava-se um ambiente altamente literário, tinha muitos livros emprestados, doados ou comprados, revistas e periódicos italianos como *L'Espresso* e *La Domenica del Corriere*.

Depois da tia Emma ter voltado na Itália, Andrea lembra de algumas viagens feitas pelos pais na Europa em que sempre paravam em Milão para pegar a *irmãzinha querida* e levar ela juntos com eles para Rússia, Espanha, norte da África.

Nessa hora chegou Adriana, filha de Andrea, que ficou curiosa também das dinâmicas familiares da época, entusiasta de descobrir novas histórias sobre a sua família. Ela lembra da infância em que ia e voltava da casa da tia Anna e associa a mesma dinâmica nas casas na época do pai.

Na casa da tia Emma, Andrea lembra de uma governante que cuidava do nonno Emilio após a morte da nonna Maria.

Na casa da tia Emma chegou também a família Rosenzweig Gianni e Paola, companheira de aula de Emma em Milão, com as duas filhas

4. Trad. “Avô, que horas são?”, “São as 10.”

Caterina e Adriana. Andrea não lembra direito quando eles chegaram, mas que eles moravam no andar de baixo da casa, feita para duas famílias.

Depois de uma breve interrupção devida á uma ligação recebida pelo Andréa, ele lembra de algumas fotos que tem guardadas no celular, de registros de nascimentos de antenatos que ele encontrou em alguns acervos da sinagoga de Verona. Ele tentou encontrar uma foto da tia Emma na frente da janela onde nós estávamos, mas sem resultado. Ele começou percorrer a galeria fotográfica no telefone mostrando-me foto de época da família.

Começamos visitar a casa no andar de cima e em seguida aquele de baixo. Andrea, explicando a disposição da casa, lembrou de muitos momentos específicos, como o medo que ele tinha dos fantasmas no seu quarto por causa de uma escada no armário que conduzia no telhado, que ele achava fosse a entrada dos fantasmas.

Perguntei á Andrea se tivesse lembranças sobre a Lina Bo e Pietro Maria Bardi morando na casa, ele não lembrou, mas achou muito provável de eles ter morado na casa da tia Emma.⁵

Mais do que o Pietro Bardi, Andrea lembra de uma outra figura masculina na casa, o diretor do Instituto Cultural o professor Bizzarri,

5. Em algumas publicações encontrei a informação do que Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, moraram em uma das casas do Daniele Calabi, por alguns meses, logo depois de ter chegado no Brasil.

homem muito polêmico chefe da Anita, e lembra das duas mulheres falar mal dele com frequência.

Perguntei para Andrea e Adriana se conhecessem o livro *“Anna tra due culture”*, a outra publicação das duas autoras que encontrei na biblioteca do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. Eles nunca ouviram falar deste texto e ficaram interessados nele.

Andrea achou importante remarcar como tudo è um caminho de comunicação na arquitetura, derivado das migrações e das perseguições e que introduziu bases muito importantes de um modernismo no Brasil. Daniele mesmo trabalhou junto com o Rino Levi e fui muito próximo do Gregori Warchavchik, que conseguiram afirmar-se maiormente sendo que continuaram trabalhar no Brasil, ao contrário de Daniele que voltou para Itália. Muitas características da arquitetura do Rino Levi derivam da influências de Daniele, criando um canal de comunicação de princípios de arquitetura, arte et ecc. Ele sugere de conversar com Donatella Calabi para fazer esta conexão e entender quais foram e como foi possível que alguns movimentos disruptivos e agressivos, como as guerras, criaram movimentos que na verdade representam formas de comunicação que de outra forma não teriam ocorrido.

Andrea me explica o motivo da escolha daquele terreno no Pacaembu como área de projeto que, além de ser mais barato pela acentuada

declividade, lembrava ao Daniele um terreno de montanha. Com este projeto ele introduz no panorama arquitetônico brasileiro uma nova técnica construtiva e estrutural, um know-how que no Brasil não existia antes. No bairro do Pacaembu tem outras casas construídas pelo Daniele em lugares e através técnicas diferentes.

Tinha imigrantes judeus todos já formados, bem integrados formando grupos de intelectuais; no caso da família a tia Emma formada em história da arte, o tio Daniele em arquitetura, o avô Emílio e tia Livia em economia na Bocconi, o tio Ulderico engenheiro ferroviário. Andrea lembra do tio Ulderico com a assessoria com sinal vermelho dos policiais, com o qual poderia ter parado o trânsito em um segundo.

Andrea trata agora o argumento religioso, lembrando de ter visto antes uma foto da sua primeira comunhão. Os pais eram ambos judeus, a única que se converteu ao catolicismo foi a mãe da mãe depois de ter chegado no Brasil para fugir de possíveis perseguições. Ela pediu para a mãe do Andrea de se converter ao catolicismo no leito de morte e ela se converteu. Eles estudaram no Instituto Dante Alighieri onde todos eram católicos, por isso eles foram batizados, fizeram primeira comunhão e todos os outros sacramentos, deixando-os escolher própria orientação religiosa quando adultos. Adriana comenta que ela descobriu de fazer parte de uma família judia bem tarde.

Depois de ter visitado a casa, nós fomos dar uma volta de carro nas ruas do bairro Pacaembu, procurando as casas do Daniele Calabi. Nas conversas no carro perguntei se eles tivessem ainda algum contato com a família da Anita Salmoni e se soubessem como as duas se conheceram. Andrea não sabe como começou a relação entre as duas e nem como elas se conheceram. Os dois lembram dos filhos de Anita, Guido e Paola, casada com Eddy Ades e mora em Lugano. Andrea tem memória de alguns acontecimentos que envolveram Anita e o pai dele. Lembra de uma vez em que Anita se sentou na cadeira do pai e ele gritou “sció sció!”⁶, e a mãe querendo morrer de vergonha.

Lembra depois das vicissitudes acontecidas entre o pai Fábio e Renato, marido da Anita, que tiveram relações de trabalho não bem-sucedidas. Fabio colaborou com Renato primeiro em um investimento de uma fábrica de gelatina copiativa, que como remarca Andrea, não ia ter possibilidade de continuação no futuro por causa do contínuo desenvolvimento tecnológico. Uma segunda tentativa foi uma fábrica de tubos de plástico. No Brasil existia já a fábrica Tigre que era a maior produtora. Os tubos precisavam ter características químicas específicas para resistir compressão, flexão, curvar e ser parafusados, mas os tubos do Renato Salmoni sempre tiveram problemas.

Lembra aqui algumas palavras do pai Fabio: *“Existem várias formas de quebrar na vida, de perder dinheiro, a mais agradável era com o diretor comercial, a mais precisa era com o diretor técnico, a mais correcta com o diretor administrativo”*.

6. Típica exclamação italiana, trad. sai daqui.

A relação entre os dois começou quebrar por causa do fracasso dos investimentos, a relação com o Renato azedou, mas a Anita continuou frequentar a casa.

Perguntei se eles lembram de algum momento em relação a vitória do prêmio Pasquale Petraccone. Andrea remarca o fato que as duas sempre eram orgulhosas do trabalho delas, elas tinham muitas conversas em comum e eram de referência uma para outra provavelmente por causa de similitude de experiências de vida. As duas constituíram um diálogo fora do cenário universitário, com mais influências externas e trocas de pensamentos, porque não estavam inseridas no esquema formal de aulas.

Fomos para um bistrô em Higienópolis para tomar um café. Mostrei á Andrea e Adriana o índice do livro *“Anna tra due culture”* e algumas páginas do capítulo dez e onze do que tirei foto no Instituto Cultural.

Adriana, como antropóloga, viu no trabalho delas um talento intelectual, de pensadores, um instinto e uma natureza de entender o mundo onde elas estavam e em volta delas. Elas tinham uma cabeça diferente das outras mulheres, especialmente brasileiras, atitude provavelmente derivante das bases familiares delas. Adriana destaca como isso não era nada de comum para duas mulheres, judias, fugindo das perseguições, imigrantes no Brasil.

Adriana tem memória da tia Emma quando ia visitar ela em Milão, morando em via Bergognone 31. Uma mulher magrinha e independente que usava sempre o casaco de pelliccia⁷, muito elegante, com a casa sempre arrumada decorada com algumas pinturas de Giorgio Morandi. Andrea lembra dela insistindo de por esta pintura no cofre do banco cada vez eles iam viajar.

Perguntei se eles têm ainda hoje uma relação próxima com os familiares na Itália, se ainda hoje eles viajam e se encontram. Eles têm contato frequente com os filhos da Donatella, por um problema de distância não se conseguem encontrar muito, mas eles sentem um vínculo muito forte de identidade familiar e de história. Quando eles se encontram parece que sempre viveram juntos, tendo muita intimidade derivante provavelmente de uma construção criada dos pais e os avós.

Adriana, tentando projetar o que ela viu das mulheres italianas próximas das tias dela, lembra de alguns encontros que aconteciam na casa, tanto antes quanto depois da volta da Emma, de mulheres jogando jogos de cartas e discutindo de diferentes assuntos. O avô sempre falava por ela *“Sei una vera donna Calabi”*⁸ quando era determinada ou assertiva. Fazia parte uma mulher ser diligente, saber conviver com a sociedade, ter conhecimentos, saber conversar, quase como se fosse uma forma de

7. Trad. casaco de pelo.

8. Trad. você é uma verdadeira mulher Calabi

educação que a família dava. Por quanto fosse um ambiente machista, a mulher tinha seu espaço, possibilidade de expressar ideias.

Em seguida perguntei se a família tinha relação com a comunidade de italianos em São Paulo. Andrea explica que além de ter uma comunidade de italianos, a família era envolvida na comunidade judia. A comunidade de italianos judeus em São Paulo se chamava Colônia Mussolini. Tinha festas, jantares em casa usando a louça mais preciosa, talheres de prata e empregadas vestidas à francesa. Andrea lembra a história de uma empregada da família na Itália que herdou a casa dele no Lago di Garda antes de fugir no Brasil, onde ela escondia judeus e perseguidos.

Quem está ainda envolvida nestas dinâmicas é a irmã mais nova dele, Laura, que frequenta e participa até hoje na comunidade.

Em São Paulo tinha diferentes grupos e Emma sempre teve uma presença marcada por sua cultura, formação e círculo de amizade de artistas. Anita relativamente menos e começou a carreira dela aqui no Brasil. Tinha então estes cenários de fundo onde as duas estavam inseridas, cercadas de referências de diversas disciplinas e membros de uma comunidade científica.

Emma nunca mais quis voltar no Brasil depois das tragédias que ela enfrentou tanto no Brasil quanto na Itália. Andrea lembra da grande ligação e energia que ela tirava das aulas que ela dava em Milão e da amizade com a família Rosenzweig.

2

ENTREVISTA COM JULIO R. KATINSKY

São Paulo, 19 de novembro 2019

A entrevista ocorreu no dia 19 de novembro de 2019, na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

A necessidade de contatar o professor Julio Katinsky surgiu depois de ter encontrado duas cópias da primeira edição de 1953, em italiano, do livro *Architettura Italiana a San Paolo*. As primeiras páginas de ambos os livros, conservados na seção de obras raras da biblioteca, continham a menção *“Doação Julio Roberto Katinsky, 1992”*.

O professor, hoje em dia aposentados, quis que a entrevista ocorresse na biblioteca enquanto lugar que teve um papel fundamental da vida dele e de fácil recolhimento entre estudantes.

A primeira pergunta que faço ao professor são precisamente sobre essas duas cópias do livro que encontrei na biblioteca: como ele as possuía e a motivação que o levou a dar em doação.

O professor lembra que os dois exemplares pertenciam à irmã dele,

um presente recebido diretamente das duas autoras, de quem ela era amiga. A irmã imediatamente entregou uma das duas cópias ao professor Katinsky, na época um jovem estudante de arquitetura da Universidade de São Paulo.

O jovem professor ficou positivamente impressionado com a pesquisa produzida pelas duas mulheres e achou que poderia ter um grande peso no futuro e ser um ponto de partida para pesquisas sobre o tema. O que mais impressionou o futuro professor foi a metodologia de pesquisa aplicada à redação do livro, a ser considerada quase como modelo.

A decisão de doar as duas cópias do texto ocorreu enquanto o livro se insere no panorama da produção historiográfica brasileira como uma grande inovação no campo da metodologia de pesquisa, criando um novo modelo para ser estudado e usado, como ele próprio fez, no campo acadêmico e no específico da Pós-graduação.

Esse é o único relacionamento que o professor teve com o livro; ele nunca teve contato com os autores e nem aprofundou sua pesquisa sobre o tema abordado.

O professor destaca a grande capacidade dos autores de abordar um tópico ainda não estudado na época e sobre o qual era difícil encontrar material e informações.

A influência da arquitetura italiana e a presença em São Paulo de

personalidades italianas, pertencentes aos mais variados campos, foi um tema muito recorrente na história da cidade.

Além da contribuição arquitetônica, o professor lembra isso no campo artístico e de engenharia. Entre muitos, nomeia o Viaduto Santa Ifigênia, localizado no centro da cidade com uma estrutura pensada pelo arquiteto Giulio Micheli e desenvolvida pelo engenheiro Giuseppe Chiappori em colaboração com uma equipe belga.

No setor artístico, Pietro Maria Bardi, galerista e homem de grande sensibilidade, pode ser totalmente representado no italiano Venceslau Pietro Pietra do romance Macunaíma.

Entre os italianos, tinham-se criada uma verdadeira comunidade intelectual em que era perceptível uma grande união a favor de arte e cultura. Ao contrário no Brasil não tinha uma grande consideração nas práticas artísticas e nos acadêmicos, bloqueando o desenvolvimento destas.

3

ENTREVISTA COM PAULO V. BRUNA

São Paulo / Milão, junho 2020

Eu e o arquiteto Bruna tivemos um contato epistolar, infelizmente não tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente por causa da distância que decorre entre nós e as dificuldades deste período.

Em seguida é apresentada a resposta do arquiteto do e-mail/questionário que mandei à propósito do livro que ele traduziu na edição de 1981.

Prezada Ilaria,

Você vai ficar decepcionada com as respostas ao seu bem organizado questionário.

Mas vamos lá:

Imagino que você tenha consultado o livro em português na biblioteca da FAU. Logo no início há uma introdução (Notas para esta edição), assinada por Luís Alberto do Prado Passaglia, datada janeiro de 1981. Naquela ocasião ele trabalhava na Editora Perspectiva. Ele havia sido meu aluno e orientando de doutoramento. Era um ótimo e apaixonado fotógrafo. Logo depois concorreu a uma vaga de professor de arquitetura (história, patrimônio histórico) em Juiz de

Fora/MG. Foi nomeado, voltou para sua cidade natal e perdi o contato com ele. A indicação foi dele, uma vez que precisava de alguém, que conhecesse italiano bem e os termos técnicos profissionais, que as tradutoras habituais da editora não tinham.

De forma muito sintética ele menciona na introdução dois aspectos, que julgo importantes, e que exploro aqui um pouco mais: Comemorou-se em 1954, com grandes festejos, o quarto centenário da fundação de São Paulo, pelos jesuítas em 1554. Havia muito interesse em conhecer a cidade, que havia crescido muito rapidamente, sua história, seus habitantes na maior parte imigrantes, com seus hábitos e costumes. Como você deve ter observado São Paulo é um caldeirão de raças. Nesse sentido o Instituto Ítalo Cultural de São Paulo promoveu um concurso (“Prêmio Pasquale Petraccone”, que não sei quem foi) sobre os imigrantes e sua contribuição para a cultura de São Paulo. As duas amigas escreveram esse pequeno ensaio, que pela sua originalidade ganhou o prêmio. A primeira e única edição, não por acaso, é de 1953, muito apropriada para os preparativos da festa do quarto centenário.

O texto é muito informativo, bem escrito ainda que mal documentado do ponto de vista da iconografia. Por essa razão o Luís sentiu-se na obrigação de ampliar o registro das imagens, fotografando os exemplares, que ainda estavam de pé, quando foi realizada a edição em português. Ele mesmo explica a razão da edição tantos anos depois: O texto em italiano era muito difícil de consultar, pois estava em poucas e raras bibliotecas. A partir de 1970 “ganhou impulso, no caso específico de São Paulo, o movimento a favor da preservação das obras e

de seus aspectos característicos”. Isto é, foi criada a partir de 1974 uma listagem dos bens patrimoniais paulistanos pela Coordenadoria Geral do Planejamento da Prefeitura do Município de São Paulo. Desse esforço nasceram órgãos como o atual CONPRESP e CONDEPHAAT, que são os órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio histórico da cidade de São Paulo e do Estado de São Paulo. O pequeno livro em italiano passou a ser muito requisitado pois era a única fonte organizada dessa arquitetura feita pelos mestres de obras, arquitetos e engenheiros italianos que haviam chegado em São Paulo.

A tradução a que você se refere, para uso dos alunos da Cadeira nº20, em 1962, foi certamente feita para os alunos do professor Nestor Goulart Reis. Como eu era assistente do professor Nestor, não duvido que a tradução tenha sido feita a quatro mãos com ele, sobretudo quanto aos termos técnicos, que um estudante não dominava. Havia outros professores que se interessavam pelo problema do patrimônio como o Professor Benedito Lima de Toledo, todavia mais interessado na tradição lusa do barroco.

O livro foi muito bem recebido. Está esgotado e não se acha mais nem nos sebos. Tenho um exemplar novo. Se lhe interessar proponho uma troca: você me manda seu endereço em Milão e lhe envio por correio; na volta você me envia a mais nova guia de arquitetura de Milão. A Senhora Emma Debenedetti, naquela ocasião, já havia voltado para a Itália. A edição que tenho tem uma dedica da Professora Anita Salmoni: “Ao professor Bruna que traduziu este livro com grande competência cordialmente grata Anita Salmoni.” Não houve uma consultoria com as autoras,

mesmo porque o interesse pela arquitetura italiana que o livro havia despertado, já naquela ocasião, tinha gerado uma grande quantidade de pesquisas e ensaios, mais rigorosos e precisos que o livro original.

Não conheço a vida pessoal das autoras, mas certamente se frequentavam seja no Instituto seja no Circolo Italiano, cuja nova sede havia sido construída na esquina da Avenida Ipiranga com a Rua São Luiz. Não tive contato com as famílias das autoras. São Paulo é uma cidade muito grande e complexa e você pode viver e frequentar certos ambientes e nem por isso conhecer todos os italianos, sobretudo os que aqui vieram nos anos da guerra ou logo depois.

4

ENTREVISTA COM ANNAROSA DEBENEDETTI

Milão, 8 de junho de 2020

A entrevista ocorreu em Milão, via whatsapp. A Sra. Annarosa me liga da casa dela em via Bergognone 31, anteriormente de propriedade da mãe Emma, cuja memória me foi contada por Andrea Calabi durante a entrevista com ele.

A conversa começa com as apresentações habituais; eu contando a ela sobre o trabalho que estou desenvolvendo no estudo do livro escrito por a mãe dela Emma e a amiga Anita, e ela me sobre seu último período que passou em quarentena, realizando de aulas de italiano em remoto como voluntária para migrantes. Ainda mais intrigada com os motivos que me levaram a escolher o Brasil como meta, Annarosa começa contar-me vários episódios sobre a última vez que visitou o Brasil com o marido e alguns amigos em 2006, definido por ela como um *“ritorno alle origini”*.¹ Para ela e o marido, foi um grande momento de re-união com o ramo brasileiro da família e Annarosa lembra

1. Trad. retorno às origens.

muito divertida que o marido assinou um documento em que ele se comprometeu a visitar todos os parentes sem protestar. A estadia no Brasil durou dois meses, aproveitando para explorar o país, e Annarosa lembra que, apesar de não falar português há vários anos, em dez dias a língua materna havia retornado quase completamente. Ela se lembra das dificuldades que enfrentou na viagem de volta devido ao fracasso da companhia aérea com a qual ela viajou², e a ajuda prestada a ela por seu primo Andrea, que naquele período estava administrando algumas negociações como economista com esta última.

O marido, impressionado pelo espírito brasileiro, teria gostado de ficar e se mudar no Brasil, enquanto Annarosa não, sentindo a vida brasileira inadequada por ela e se identificando mais como europeia do que brasileira. Annarosa abandonou o Brasil com 13 anos, sua vida foi totalmente européia e ela não estaria imersa na cultura brasileira agora.

A senhora está muito impressionada com o fato de eu ter entrado em contato com ela apenas nesses dias porque, nos dias anteriores, ela havia telefonado para Paola Bonfardini, uma estudiosa de Brescia que dez anos atrás realizou uma pesquisa sobre a mãe Emma e sua carreira como historiadora da arte.³ Impressionada com a grande qualidade do

2. A senhora nomeia repetidamente a companhia aérea VARIG com a qual viajou para o Brasil, que estava à beira do fracasso na época.

3. Bonfardini, Paola; Frammenti di memorie lontane: Emma Calabi: storica dell'arte a Brescia e a San Paolo del Brasile, em "Commentari dell'ateneo di Brescia, Atti della Fondazione Ugo da Como", Geroldi, Brescia, 2015.

trabalho da jovem Emma Calabi, Paola Bonfardini fica intrigada com o desaparecimento da mulher, demitida da *Sopraintendenza per le belle arti*⁴ devido a leis raciais e forçado a fugir. Procurando informações a partir do sobrenome Calabi, ela entra em contato primeiro com o Andrea Calabi no Brasil, provavelmente por sua notoriedade como economista, posteriormente com Donatella Calabi em Veneza e, finalmente, com a própria Annarosa, que, tendo adotado o sobrenome Debenedetti, não estava sendo reconhecida.

A partir dessa colaboração, nasceu uma grande amizade entre Annarosa e Paola, que ainda hoje se ligam e encontram muito frequentemente e que ela define como a melhor especialista sobre sua mãe.

A senhora logo depois me mostra a própria cópia do livro “Arquitetura italiana em San Paolo”, na versão italiana escrita em 1953 e publicada pelo Instituto Cultural ítalo-brasileiro. Annarosa ainda está em contato com a filha de Anita Salmoni, que vive entre a Suíça e o Brasil.

Uma lembrança muito vívida da senhora é a conquista do Prêmio Pietro Petraccone e os presentes que a mãe dela comprou com o dinheiro da recompensa, por os dois jovens irmãos e os primos. Eu encontrei essa anedota escrita no texto “Anna entre duas culturas”, escrito por Anita Salmoni, da qual Annarosa tem uma cópia em casa.

Annarosa me conta o quão pouco ela sabe sobre a vida de sua mãe na

4. Organismo de proteção patrimônio cultural italiano.

Itália antes de fugir para o Brasil e como ela descobriu o grande valor do trabalho da mãe apenas através de pessoas que se interessaram por o trabalho dela.

Ela também menciona o livro de receitas que Emma compartilhou com a irmã Lídia, escrita durante sua vida na Itália⁵, sobre o qual Andrea havia-me já falado durante a entrevista. A cópia original do livro de receitas foi doada por Lívia à Andrea, que cuidou de sua transcrição e impressão como um importante testemunho familiar.

Continuo a entrevista perguntando a Annarosa qual era a relação entre Emma e Anita.

A senhora admite que tem belas lembranças desta relação. Emma e Anita foram grandes amigas, provavelmente haviam viajado juntas de navio para chegar ao Brasil. Ambas faziam parte da Colônia Mussolini⁶, colônia de imigrantes italianos que fugiram das perseguições. Esta onda migratória deve ser distinguida daquela que ocorreu após o fim da guerra, composta por fascistas que deixaram o país.

As duas amigas tiveram as filhas quase simultaneamente, no mesmo ano e no mesmo período; Annarosa nasceu em fevereiro e a filha de Anita em março. Por esse motivo, as duas meninas fizeram amizade desde a infância, crescendo praticamente juntas como duas irmãs e frequentando as mesmas escolas, até Emma e Annarosa voltar à

5. O livro é intitulado “Ricette di Emma e Lívia”.

6. Colônia Mussolini, auto indicadas ironicamente com esse nome.

Itália. Annarosa lembra de uma foto dos dois carrinhos lado a lado, um contendo-a recém-nascida e o outro a filha de Anita, que as duas mulheres tiraram para se lembrar dessa profunda amizade.

Annarosa não lembra muitos detalhes da amizade das duas mulheres porque era muito jovem na época, mas lembra o envolvimento da sua mãe nas dinâmicas do Instituto, do qual Anita mais tarde se tornou diretora. Aconteceu mais de uma vez que Emma deu palestras sobre história da arte no instituto. A amizade se estendeu à família, o marido de Anita era um químico exatamente como o de Emma, além de muitas outras características comuns.

Descobri por Annarosa que Emma e Anita escreveram outro livro, após o retorno de Emma à Itália, sobre a vida delas no Brasil. Anita escrevia o livro e enviava os rascunhos por Emma em Milão para corrigi-los. Elas completaram o livro, mas nunca o enviaram à editora, pois Emma considerou ele estava num nível insatisfatório de italiano.

Annarosa me conta sobre a chegada dos pais dela no Brasil. Eles partiram em 1939 e declararam a viagem como lua de mel para eles poderem sair do país sendo judeus. Uma vez chegados no Brasil claramente, nunca mais voltaram. Os irmãos Fábio, gêmeo de Emma, e Daniele já estavam no Brasil na época e o marido Enrico já tinha uma oferta de emprego como químico nas Indústrias Matarazzo. O pai continuou a exercer a profissão de químico, enquanto Emma vivia como dona de casa, porque não podia ensinar sem a revalidação do

diploma no Brasil.

Devido à morte imprevista do filho, em 1957, Emma e a família decidiram voltar a morar na Itália, em Milão, onde começou trabalhar como professora de literatura e história da arte na Escola Judaica de Milão. A profissão de professora foi a grande salvação de Emma, especialmente após a morte do outro filho Salvatore, da mesma maneira do primeiro; trabalhar e estar em contato com muitas pessoas lhe deu energia para continuar.

Emma só voltou ao Brasil uma vez, quando o irmão gêmeo Fábio estava a morrer. Annarosa lembra que Fabio vinha todos os anos visitar sua irmã para comemorar o aniversário juntos e muitas vezes levava a irmã para viajar pelo mundo como um presente. Os dois irmãos sempre se amaram e sempre foram muito próximos, como também contou Andrea Calabi.

Eu pergunto sobre a família e o relacionamento entre primos na época, na vida nas três casas, e hoje em dia. A família Calabi sempre foi muito próxima, desde a convivência nas três casas no Pacaembu, pois é uma família estendida composta pelos três principais núcleos de tios e avós. Os primos ainda estão muito próximos hoje em dia, ajudando um ao outro apesar da distância.

Menciono a lembrança que Andrea me descreveu de Emma, uma mulher pequena e sempre elegante que usava casacos de pelo e joias,

que morava em via Bergognone em Milão. A sorridente Annarosa me diz que agora ela está morando na casa da mãe enquanto a filha na casa anterior dela, criando uma espécie de sucessão. Annarosa me diz muito feliz que recentemente se tornou avó de dois meninos russos adotados por sua filha, chamando a si mesma de “*nonna in prova, non ancora assunta definitivamente*”.⁷ A casa em via Bergognone sempre foi a base milanesa e italiana da família Calabi. Annarosa também lembra do relacionamento com sua cunhada, esposa de seu irmão gêmeo Fábio, que sempre foi muito próximo e apoiou-a após a morte do segundo filho.

A senhora volta lembrar dela jovem e dos primos que moravam nas três casas, em seu relacionamento com Andrea, muito próximo também pela proximidade da idade. Ela lembra de Andrea como uma criança muito bonita, mas terrível, incrivelmente agitada. Lembra dos passeios em um carrinho de bebê que ele fazia com sua irmãzinha Lauretta, que largava nas descidas do Pacaembu para ir atrás dela e recuperá-la. Eles eram dois grupos de três primos, três que moravam em uma casa e três na outra. Os pais haviam decidido que as crianças tinham total liberdade para decidir onde brincar e onde almoçar, desde que fossem divididos em número igual nas casas.

“C’era una continua discussione tra noi cugini su cosa si mangia a casa tua e cosa si mangia a casa mia. Facevamo le trattative: io vengo a mangiare a casa tua perché

7. Trad. Avó em treino, ainda não contratada definitivamente.

mi piace quello che c'è da te...C'era questo legame fortissimo”⁸

Todos estudaram juntos no Dante Alighieri e tia Mimi foi trazê-los e levá-los todos os dias, porque Emma não dirigia. Tendo uma grande educação universitária, Emma muitas vezes ajudava os meninos nas tarefas de casa.

Annarosa lembra grande paixão da mãe pelas montanhas do Trentino-Alto Adige⁹ e a escalada que praticava com seu irmão, enfatizando a grande força de sua mãe em ser uma mulher que na época praticava atividades e tomava decisões particularmente masculinas.

A montanha e o Val di Fassa¹⁰ são uma memória de infância de Emma e Fábio que foram trazidos por seu avô, engenheiro ferroviário, de trem direto para a casa. Lembra da mãe que se mudou de Bréscia para Milão¹¹ que era incomum na época e desaprovado tanto que ela foi acusada de ganhar a vida.

A entrevista prossegue por uma outra meia hora em que eu e a senhora Annarosa conversamos sobre a crise econômica, política e sanitária que está afetando o Brasil e enfrentando hoje em dias.

8. Trad. Havia uma discussão constante entre nós primos sobre o que tinha pra comer em sua casa e o que comemos na minha casa. Negociamos: eu venho comer na sua casa porque gosto do que você tem ... Havia um vínculo muito forte.

9. região situada no extremo norte da Itália.

10. um dos principais vales da região Dolomitas, que é uma parte dos Alpes e está localizada a leste de Trentino, na Itália.

11. A distância entre Milão e Brescia é de 81 km.

